

TOP RESUMOS PRO ENEM

Este conteúdo pertence ao Descomplica. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

E aí, vestibulando?

O Enem está chegando e essa é a hora de focar real oficial nos temas que mais caem de cada matéria! Saber tudo sobre eles aumenta suas chances de ir bem na prova, já que você garante acertos naquelas questões que caem todo ano.

Por isso, preparamos esse ebook com resumos dos 5 assuntos que mais caem no Enem de cada matéria. Assim, você sabe os temas mais importantes para mandar bem na prova e consegue estudá-los na mesma hora - e ainda no mesmo material!

Então, vestibulindo, gruda no nosso ebook na reta final para o Enem e só larga quando chegar a aprovação na faculdade dos seus sonhos!

**Partiu fazer maratona
de leitura de resumos? :D**

1. MATEMÁTICA

Razão e Proporção

Razão

É uma relação entre duas grandezas, expressas na mesma unidade ou não.

$$\text{Razão} = \frac{a}{b} \text{ ou } a:b$$

Lê-se: “a está para b”. Em que a é o antecedente e b é o conseqüente.

Proporção

É uma igualdade entre razões equivalentes.

$$\text{Proporção} = \frac{a}{b} = \frac{c}{d}$$

Lê-se: “a está para b, assim como c está para d”.

a e d → são extremos

b e c → são meios

a e c → são antecedentes

b e d → são conseqüentes

Temos, também, a relação fundamental da proporção:

$$\frac{a}{b} = \frac{c}{d} \longleftrightarrow a \cdot d = b \cdot c$$

Grandezas Diretamente Proporcionais

Duas grandezas são diretamente proporcionais quando, ao variar uma grandeza, a outra também varia na mesma razão. Por exemplo: se uma grandeza dobra, a outra também irá dobrar. Se uma grandeza reduzir-se à metade, a outra também terá o mesmo efeito.

exemplo:

Se o preço da gasolina é R\$4,00, 2 litros custarão R\$8,00.

preço	litro
4	1
x	2

$$\frac{4}{x} = \frac{1}{2} \rightarrow x = 8$$

Grandezas Inversamente Proporcionais

Duas grandezas são inversamente proporcionais quando, ao variar uma grandeza, a outra também variará na razão inversa. Se uma grandeza dobrar, a outra se reduzirá a metade. Se uma grandeza triplicar, a outra será dividida em três.

exemplo:

A distância entre duas cidades é de 200 km. Se uma pessoa percorrer a uma velocidade média v (km/h), o tempo de uma viagem de uma cidade a outra será t (em horas).

v	20	40	60	80	100
t	10	5	$\frac{10}{3}$	2,5	2

velocidade tempo

20 ----- 10

↑ 60 ----- x ↓

$$\frac{20}{60} = \frac{x}{10} \rightarrow x = \frac{10}{3}$$

Escalas

A escala pode ser definida como a razão entre a medida linear do desenho e a medida linear correspondente na realidade.

$$\text{Escala} = \frac{\text{medida do desenho}}{\text{medida no tamanho real}}$$

exemplo:

Uma planta de uma casa foi desenhada na escala 1:100.

Isso quer dizer que cada centímetro do desenho corresponde a 100 centímetros da casa.

Existem também escalas de áreas que são o valor da escala **ao quadrado** e escalas volumétricas que são o valor da escala **ao cubo**.

2. FÍSICA

Eletrodinâmica

Corrente elétrica

A corrente elétrica é o **movimento ordenado de cargas elétricas**. Ou seja, corrente elétrica está ligada a **movimentação dos elétrons dentro do circuito elétrico**. Essa corrente elétrica pode ser calculada da seguinte forma:

$$i = \frac{\Delta q}{\Delta t}$$

sendo:

i → a corrente elétrica.

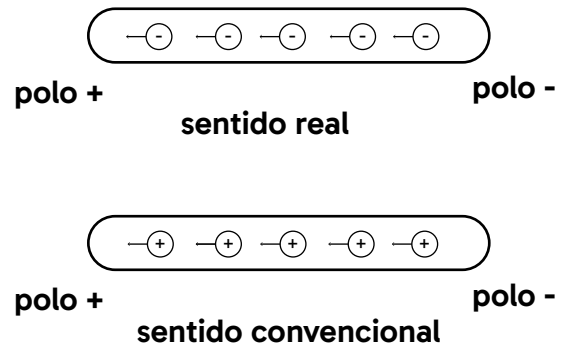
Δq → a variação de carga (já que calculamos um fluxo).

Δt → o intervalo de tempo.

A unidade que representa a corrente elétrica no SI é o **Ampère (A)**.

Lembrando que carga se calcula na unidade **Coulomb (C)** e o tempo em **segundo (s)**.

Como foi dito na definição, a corrente elétrica está relacionada a movimentação dos **elétrons**. Mas, durante seus estudos, acreditava-se que a movimentação era feita por **cargas positivas**. Logo, temos uma **corrente real** (essa que representa o que realmente acontece) e uma **corrente convencional** (que será a corrente que vamos utilizar nos nossos estudos).



Diferença de Potencial (D.D.P)

Quando falamos da Diferença de Potencial (d.d.p) em um circuito elétrico, estamos falando da **bateria** (ou qualquer outro fornecedor de tensão como pilhas ou até a tomada). A função do fornecedor de tensão é provocar a diferença de potencial dentro do circuito e, com isso, provocar a corrente elétrica. No mercado existem diversos fornecedores de tensão com seus respectivos valores de d.d.p. Conseqüentemente, eles também apresentam seus próprios valores de Potência e Energia associados. Lembrando: A unidade de medida do SI para a diferença de potencial é o **Volts (V)**.

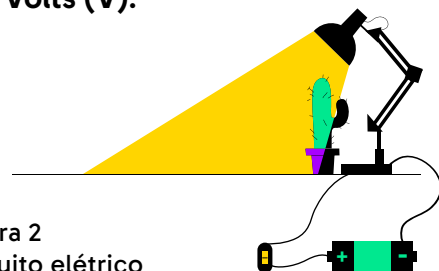


figura 2
circuito elétrico

A representação tradicional de um circuito elétrico está representada na figura 03. A figura 03 demonstra os polos positivos (+) e negativo (-) da fonte tensão e mostra os sentidos abordados.

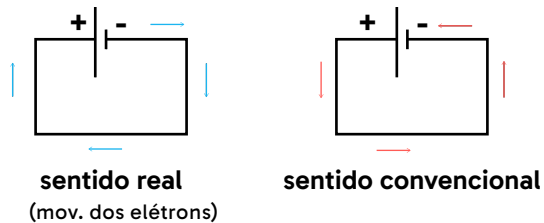


figura 3 - representação de um circuito elétrico

Resistividade e resistência

O circuito básico demonstrado na figura 02 consiste em uma fonte de tensão, ligada a uma lâmpada através de fios e um interruptor para ligar e desligar. Os fios elétricos (condutores) fornecem o “caminho” para o movimento dos elétrons. O fio ideal (fio que aparece em grande parte das questões) não possui **resistência**, logo, **não influencia o circuito**. Mas o sistema pode apresentar elementos que apresenta resistência. Resistores são elementos de um circuito elétrico em que a sua função é **transformar energia elétrica em energia térmica** através de um efeito conhecido como **Efeito Joule**. Essa transformação ocorre porque a corrente elétrica apresenta certa dificuldade ao passar pelo resistor. **Quanto maior o valor da resistência, maior a dificuldade.**



figura 4 - Representação de um resistor em circuitos

A unidade de média que representa a resistência de um resistor, no SI, é o **ohm (Ω)**.

Primeira lei de ohm

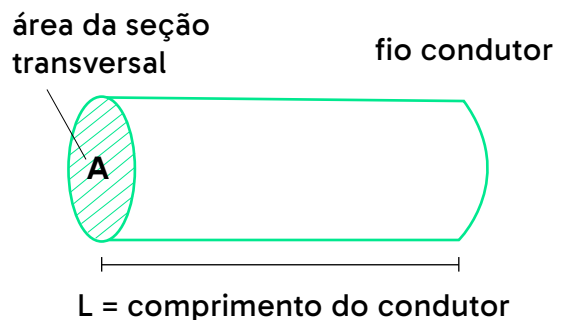
Para um circuito elétrico qualquer, podemos definir a primeira lei de ohm como uma relação entre a fonte de tensão do circuito (d.d.p) **U**, a corrente elétrica que percorre o circuito **i** e a resistência que o circuito apresenta **R**.

$$U = R \cdot i$$

Segunda lei de ohm

Para um resistor qualquer, a resistência pode ser calculada a partir de parâmetros do próprio resistor. Como área **A** da seção transversal (“grossura”), do comprimento **L** e da resistividade (característica ligada ao tipo de material) **ρ**.

$$R = \rho \cdot \frac{L}{A}$$



Unidades

Grandeza	Unidades (S.I)
Resistência	Ω (ohm)
Área	m ²
Comprimento	m
Resistividade	Ω.m

Potência elétrica

A potência elétrica de um determinado circuito está ligada a quantidade de energia que aquele circuito utiliza em um determinado intervalo de tempo. Essa definição já é capaz de nos dar uma expressão:

$$P = \frac{E}{\Delta t}$$

Essa expressão é uma velha conhecida das aulas de **Calorimetria e Mecânica** e é muito bem vinda aqui também. Mas existem outras formas de calcularmos a potência elétrica de um circuito utilizando os novos parâmetros que aprendemos nesse resumo.

São eles:

$$P = U \cdot i$$

$$P = R \cdot i^2$$

$$P = \frac{U^2}{R}$$

3. QUÍMICA

Eletrólise

A Eletroquímica é a parte da química que estuda a produção de energia elétrica a partir de reações que ocorrem com transferência de elétrons: as reações de oxirredução, que já conhecemos. Na eletroquímica estudaremos dois processos, as pilhas e a eletrólise.

Pilha

O primeiro processo eletroquímico – o que estudaremos neste material – é a pilha (esse processo ocorre tanto nas conhecidas pilhas como nas baterias). Ela se caracteriza pela formação de corrente elétrica a partir de uma reação espontânea de **oxirredução**. Nesta reação, uma das espécies químicas utilizadas sofre **redução** – isto é, recebe elétrons – e a outra sofre **oxidação** – isto é, perde elétrons. O que se faz é forçar esses elétrons transferidos a transitarem por um fio, um circuito externo. Cada espécie possui um **potencial de oxidação** (E_{oxi}), que é a sua tendência em perder elétrons (oxidar) e um **potencial de redução** (E_{red}), que é a sua tendência em ganhar elétrons (reduzir). O potencial de oxidação de uma espécie tem sempre o mesmo módulo (valor) do seu potencial de redução, mas com sinal oposto. Sendo assim, se o E_{oxi} de X é n, seu E_{red} é $-n$. A espécie que possuir maior potencial de redução (ou seja, menor potencial de oxidação) será a que sofrerá redução.

A que possuir menor potencial de redução (ou seja, maior potencial de oxidação) será a que sofrerá oxidação. O que força os elétrons a transitarem da espécie redutora (ou seja, a que faz a outra reduzir, portanto, a que é oxidada) para a espécie oxidante (ou seja, a que faz a outra oxidar, portanto, a que é reduzida) é a diferença entre o potencial que a primeira tem de oxidar (E_{oxi}) e o potencial que a última tem de reduzir (E_{red}). Essa diferença chamamos de **diferença de potencial (ddp ou ΔE)** ou **força eletromotriz (fem)**, porquanto força a movimentação dos elétrons. Sua unidade é volt (V).

Se liga só nas duas maneiras com que podemos calculá-la:

$$\Delta E^{\circ} = E^{\circ}_{red} + E^{\circ}_{oxi}$$

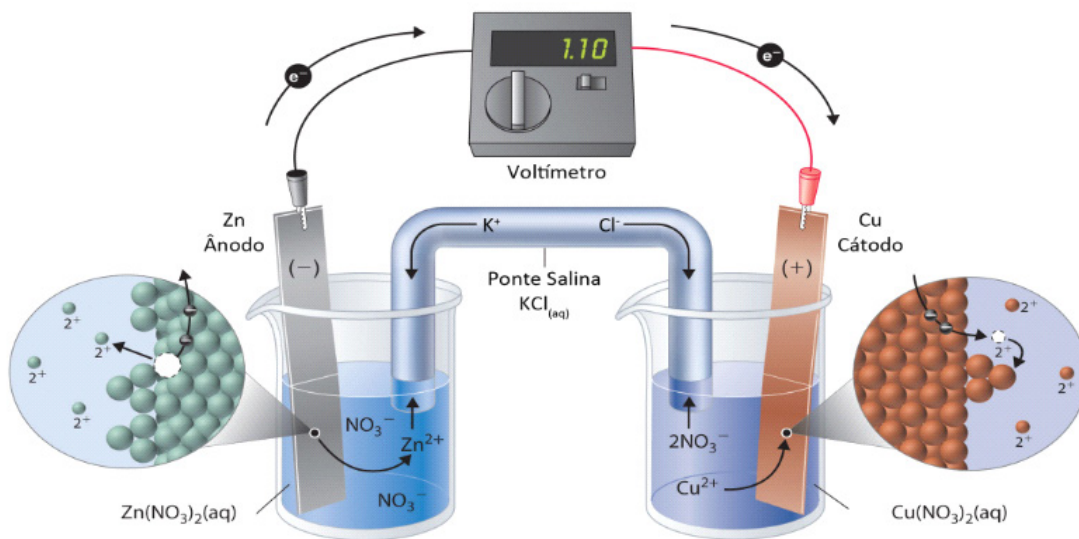
$$\Delta E^{\circ} = (E^{\circ}_{red} \text{ maior}) - (E^{\circ}_{red} \text{ menor})$$

Onde:

E°_{red} = potencial de redução de quem se reduz;
 E°_{oxi} = potencial de oxidação de quem se oxida;
 $E^{\circ}_{red} \text{ maior}$ = maior potencial de redução, entre as espécies envolvidas;
 $E^{\circ}_{red} \text{ menor}$ = menor potencial de redução, entre as espécies envolvidas;

Como a reação redox na pilha ocorre de maneira espontânea, a ddp ou ΔE° sempre terá valor positivo. A pilha mais importante para o estudo da eletroquímica é a **Pilha de Daniell**, composta por:

- Duas placas metálicas, uma de cobre (Cu) e uma de zinco (Zn), as quais chamamos de eletrodos;
- Um recipiente com solução de $\text{Cu}(\text{NO}_3)_2$, contendo a placa de cobre;
- Um recipiente com solução de $\text{Zn}(\text{NO}_3)_2$, contendo a placa de zinco;
- Um fio condutor unindo externamente os eletrodos, no qual um voltímetro era conectado;
- Uma ponte salina – conexão entre os dois recipientes – contendo uma solução saturada de KCl.

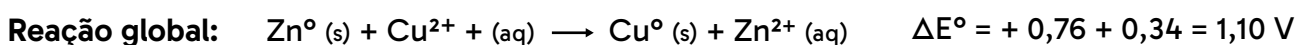


O que ocorre: Analisamos os potenciais de cada espécie para sabermos quem oxida e quem reduz:

Reações de	Potenciais de
$\text{Zn}^{2+} (\text{aq}) + 2 \text{e}^- \longrightarrow \text{Zn}^0 (\text{s})$	$E^\circ_{\text{red}} = - 0,76 \text{ V}$
$\text{Cu}^{2+} (\text{aq}) + 2 \text{e}^- \longrightarrow \text{Cu}^0 (\text{s})$	$E^\circ_{\text{red}} = + 0,34 \text{ V}$

Como o cobre possui maior potencial de redução, é ele quem reduz. O zinco, portanto, oxida, motivo pelo qual devemos inverter sua reação, na forma como está representada acima. Se invertemos o E° também, ele deixa de ser de redução e passa a ser de oxidação, por isso, invertemos seu sinal:

Semirreação de oxidação:	$\text{Zn}^0 (\text{s}) \longrightarrow \text{Zn}^{2+} (\text{aq}) + 2 \text{e}^-$	$E^\circ_{\text{red}} = - 0,76 \text{ V}$
Semirreação de redução:	$\text{Cu}^{2+} (\text{aq}) + 2 \text{e}^- \longrightarrow \text{Cu}^0 (\text{s})$	$E^\circ_{\text{red}} = + 0,34 \text{ V}$



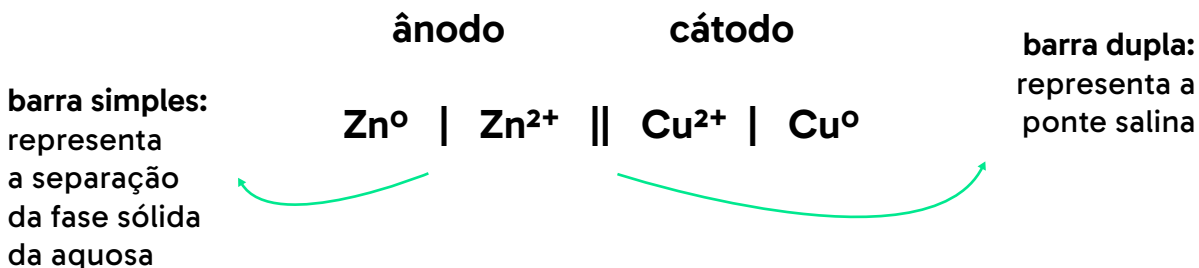
Observação:

Nunca se multiplica o valor do E° de uma espécie, ainda que multipliquemos sua semirreação por algum fator a fim de balancear a reação global. Perceba que cada átomo de zinco transfere 2 elétrons para um átomo de cobre, através do fio externo que conecta esses eletrodos. Como uma placa metálica contém muitos átomos, o fluxo de elétrons pelo fio é considerável e, portanto, capaz de fazer funcionar um aparelho eletrônico. A forma **oxidada** (iônica) de cada um desses metais é a que fica dissolvida nas soluções. Já a forma **reduzida** (neutra) é a que compõe a placa metálica sólida.

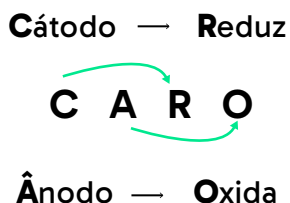
Sendo assim, uma vez que o zinco está passando da sua forma reduzida para a sua forma oxidada, a placa de zinco está sofrendo **corrosão**, isto é, está perdendo átomos/matéria sólida para a solução de $Zn(NO_3)_2$, a qual, por isso, fica mais concentrada, com o tempo. O cobre, em contrapartida, está passando da sua forma oxidada para a sua forma **reduzida**, ou seja, a placa de cobre está ganhando átomos da solução de $Cu(NO_3)_2$, a qual, por isso, ficamais diluída, com o tempo. Como os elétrons são negativos, eles migram para o polo positivo, que, no caso apresentado aqui, é o eletrodo de cobre. Logo, é fácil entender que o eletrodo de zinco será o polo negativo, de onde os elétrons partem. Então, o eletrodo onde ocorre oxidação é o **ânodo (polo negativo)** e o eletrodo onde ocorre redução é o **cátodo (polo positivo)**.

As soluções, tanto de $Cu(NO_3)_2$ como de $Zn(NO_3)_2$, no início do processo possuem iguais quantidades de ânions e cátions (já que só possuem os sais dissolvidos). Durante o processo, no entanto, ambas as **soluções tendem a perder sua neutralidade**, já que: a solução de Cu^{2+} vai perdendo cátions para a placa metálica, o que faz com que a concentração de ânions (carga negativa) supere a de cátions (carga positiva); a solução de Zn^{2+} vai ganhando cátions da placa metálica, o que faz com que a concentração de cátions (carga positiva) supere a de ânions (carga negativa). A **ponte salina** serve para compensar esses desequilíbrios de carga, enviando ânions para a solução de Zn^{2+} e cátions para a de Cu^{2+} . A todo o sistema da pilha, os químicos deram o nome de cela ou célula eletrolítica. John Freferick Daniell, particularmente, chamou cada lado da célula (um contendo placa de cobre com solução de sal de cobre e outro contendo placa de zinco com solução de sal de zinco) de **semicélula**.

A IUPAC (União Internacional da Química Pura e Aplicada) estabelece um **padrão para representarmos uma pilha**. Vamos vê-lo com o exemplo da Pilha de Daniell:



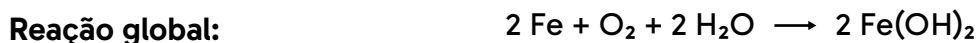
macete:



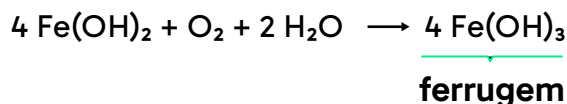
Corrosão de metais

É evidente que os processos de oxidação de certas espécies, nas reações de oxirredução que estudamos, são muito importantes para nós. Mas como quase tudo na vida tem seu lado negativo, alguns desses processos nos prejudicam no dia a dia. Ninguém deseja que seus talheres de ferro sofram corrosão, por exemplo. No entanto, é muito comum vermos a formação de ferrugem neles, devido à reação do ferro com a umidade do ar. Vamos entender como isso funciona?

No sistema ferro + ar úmido, ocorrem as seguintes semirreações:



O hidróxido de ferro II é oxidado novamente pelo ar, formando a ferrugem, da seguinte forma:



Proteção dos metais contra a oxidação

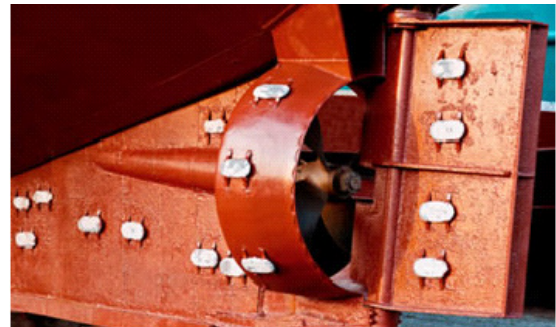
Existem basicamente três formas de proteger um metal contra a corrosão. São elas:

- **Revestimento:** consiste em revestir a superfície metálica com tinta, óleos, graxa, entre outros produtos isolantes, que evitem o contato do metal com o ar atmosférico (que contém oxigênio, altamente oxidante), com a umidade e outros agentes oxidantes;

- **Galvanização:** é um tipo de revestimento, mas mais específico. Consiste em revestir a superfície metálica com um outro metal, que, ao sofrer oxidação, não perca massa, mas forme produtos (óxidos) que continuem a isolar o metal protegido do ambiente externo. Muitos materiais de ferro como pregos, por exemplo, são recobertos com zinco. Também é muito utilizado o estanho para revestir latas de ferro, ao que se nomeou “folhas de flandres”;



- **Metais de sacrifício:** consiste em colocar em contato com o metal que se deseja proteger um outro metal, com maior potencial de oxidação. Esse metal, por ser menos redutor, sempre oxida no lugar do outro, não permitindo que seja corroído, ou seja, “sacrifica-se” pelo metal protegido. Em muitos cascos de navios, feitos de ferro, coloca-se magnésio, mais redutor que o ferro, que é oxidado, evitando a corrosão deste último.



Eletrólise

Aspectos qualitativos de eletrólise

Eletrólise, em primeira análise, é o processo que decompõe um eletrólito através da eletricidade. O sufixo “lise” significa “quebra”, “decomposição”, “ruptura”, assim como em hidrólise (decomposição de um composto químico pela água), em pirólise (decomposição de um composto químico pelo fogo ou altas temperaturas), em hemólise (quebra ou ruptura da hemácia), etc.

O que é eletrólito?

Não se lembra? Aqueles compostos que conduzem eletricidade quando fundidos (no caso dos compostos iônicos) ou em solução aquosa (no caso de compostos iônicos e de ácidos, que se ionizam em água, mesmo sendo covalentes), por gerarem íons. A eletrólise consiste no processo eletroquímico que, ao contrário da pilha, converte energia elétrica em energia química. Como assim? Simples, usa-se a eletricidade – corrente elétrica – para promover uma reação de oxirredução, por meio da qual se produzem substâncias químicas a partir de outras. Vejamos suas principais características:

- Ocorre em sistemas líquidos: eletrólitos fundidos, quando for eletrólise ígnea, ou em solução aquosa, quando for eletrólise aquosa.
- Ao contrário da pilha novamente, ocorre de maneira não espontânea, ou seja, é necessário um gerador (pilha) para forçar a reação redox a ocorrer, forçar as espécies envolvidas a reduzirem ou oxidarem. Isso já nos diz algo muito importante: se a espécie que se reduz não o faz naturalmente, é porque seu potencial de redução não é superior ao da outra; da mesma maneira, se a espécie que se oxida não o faz naturalmente, é porque seu potencial de oxidação não é superior ao da outra.

Logo, na eletrólise:

$$\left. \begin{array}{l} \Delta E^\circ = E^\circ_{\text{red}} + E^\circ_{\text{oxi}} \\ \Delta E^\circ = E^\circ_{\text{red menor}} - E^\circ_{\text{red maior}} \end{array} \right\} \text{ resulta em } \Delta E^\circ < 0 \rightarrow \text{ ddp sempre } \text{é negativa}$$

Onde:

E°_{red} = potencial de redução de quem reduziu;

E°_{oxi} = potencial de oxidação de quem oxidou;

$E^\circ_{\text{red menor}}$ = potencial de redução de quem reduziu,

pois, na eletrólise, quem reduz é quem tem menor potencial de redução;

$E^\circ_{\text{red maior}}$ = potencial de redução de quem oxidou, pois,

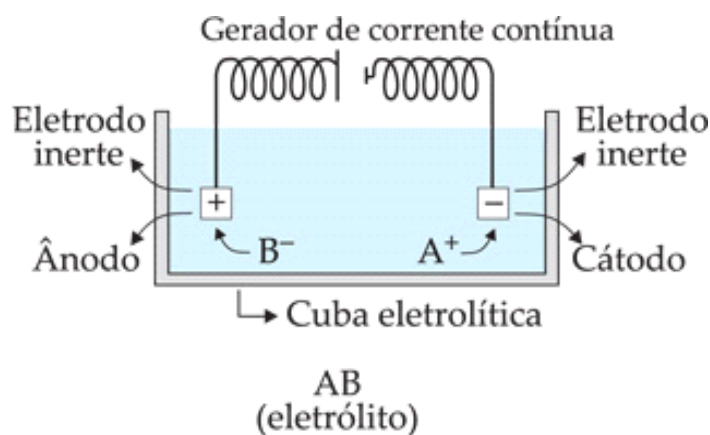
na eletrólise, quem oxida é quem tem maior potencial de redução.

- Sendo assim, o fluxo de elétrons é inverso na eletrólise, isto é, vai do polo positivo para o polo negativo;
- Os eletrodos são inertes, isto é, não reagem, não fazem parte da reação redox, não oxidam nem reduzem. Estão ali apenas para fazerem a transferência de elétrons do agente redutor para o agente oxidante. Geralmente as substâncias usadas como eletrodos são platina e grafita (tipo de carvão).
- O cátodo é onde ocorre a redução dos cátions, ou seja, os cátions recebem elétrons e ficam neutros ($\text{NOX} = 0$); o ânodo é onde ocorre a oxidação dos ânions, ou seja, os ânions perdem elétrons e ficam neutros ($\text{NOX} = 0$). Sendo assim, vemos que o fluxo de elétrons, também na eletrólise, vai do que oxida para o que reduz, do ânodo para o cátodo. Então, como vimos que também ocorre do polo positivo para o negativo, concluímos que o ânodo será o polo positivo (de onde os elétrons partem) e o cátodo será o polo negativo (para onde os elétrons vão), o que é oposto à pilha. Olha só:

Eletrólise ígnea

O esquema exposto a seguir representa com perfeição uma eletrólise ígnea, em que sempre o ânion do eletrólito (B^-) sofre oxidação e o cátion do eletrólito (A^+) sofre redução. Mas por quê? Porque nesse tipo de eletrólise o eletrólito se encontra fundido e não dissolvido em água; o sistema é um líquido puro.

Assim, os únicos íons possíveis nesse tipo de sistema são os que compõem a molécula do eletrólito.



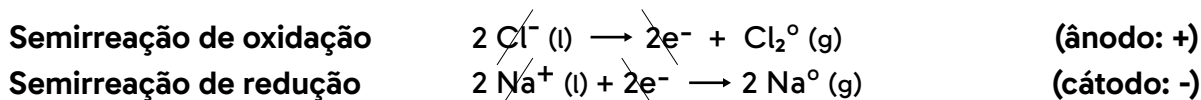
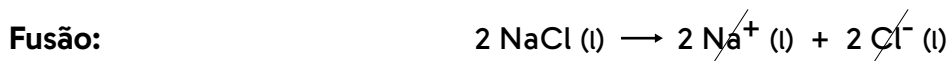
Exemplo:

Eletrólise ígnea do cloreto de sódio (NaCl).

Ao fundir-se o eletrólito, os íons se dissociam, segundo a reação:



Ao ligarmos um gerador associado ao fio externo que conecta os eletrodos inertes, o fluxo de elétrons se inicia, do polo positivo ao polo negativo, oxidando o ânion Cl^- e reduzindo o cátion Na^+ , o que produz as formas neutras de cada um desses íons ($\text{Cl}_2^\circ \text{ (g)}$ e $\text{Na}^\circ \text{ (s)}$), segundo as equações:

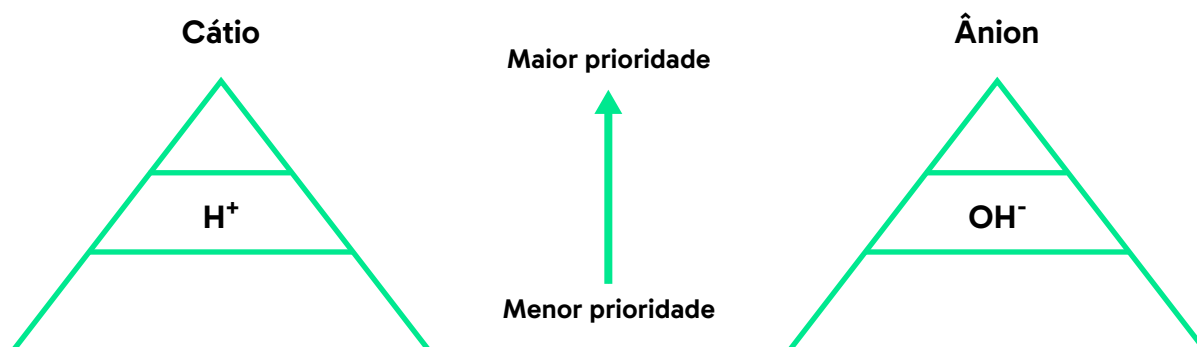


Com isso, vê-se a borbulhação desse sistema nas proximidades do ânodo inerte, por quanto há gás cloro sendo formado, ao mesmo tempo em que o sódio metálico vai ficando aderido ao cátodo inerte.

Eletrólise aquosa

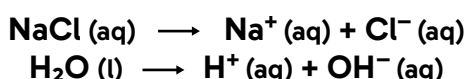
Aqui, nem sempre os íons do eletrólito sofrem a reação redox, uma vez que ele está dissolvido em água – solução aquosa –, a qual sofre autoionização, gerando cátions H^+ e ânions OH^- , lembra? Dessa forma, a solução conterá os cátions H^+ e os do soluto (A^+) e os ânions OH^- e os do soluto (B^-). Então, quem sofre oxidação e redução?

Experimentos mostraram aos químicos que, na concorrência entre os cátions pela redução, há uma prioridade de descarga entre eles. Mostraram também que o mesmo ocorre com os ânions, na concorrência pela oxidação, e mostraram, ainda, que as prioridades são de acordo com a seta:



Exemplo:

Ao dissolvermos o NaCl em água, ocorrem a dissociação do eletrólito e a autoionização da água, segundo as reações:



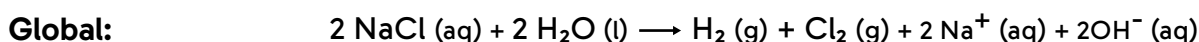
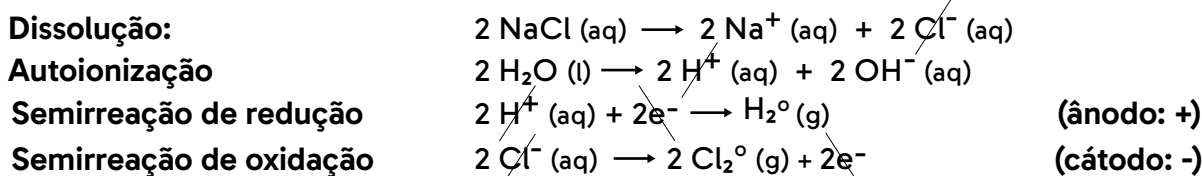
Ao ligarmos o gerador, o fluxo de elétrons se inicia, mais uma vez do polo positivo ao polo negativo, induzindo a reação redox. Entre os cátions dissolvidos, é o H^+ que ganha a competição pela redução, já que tem prioridade de descarga sobre o Na^+ , que pertence à família IA da tabela periódica e, portanto, está “abaixo” na pirâmide. Sua semirreação de redução ocorre assim:



Entre os ânions dissolvidos, é o Cl^- que ganha a competição pela oxidação, já que tem prioridade de descarga sobre o OH^- , pois, por ser não oxigenado, está “acima” na pirâmide.

Sua reação de oxidação já conhecemos, pelos exemplos anteriores.

Assim, somamos todas as equações químicas para chegarmos à global:

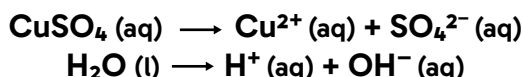


Com isso, vê-se o borbulhamento desse sistema nas proximidades do ânodo inerte, porquanto há gás cloro sendo formado, e também nas proximidades do cátodo inerte, porquanto há gás oxigênio sendo formado.

Exemplo:

Eletrólise aquosa do sulfato de cobre (CuSO_4).

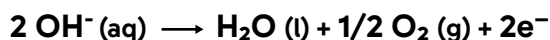
Ao dissolvermos o NaCl em água, ocorrem a dissociação do eletrólito e a autoionização da água, segundo as reações:



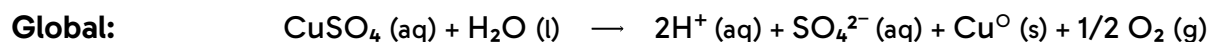
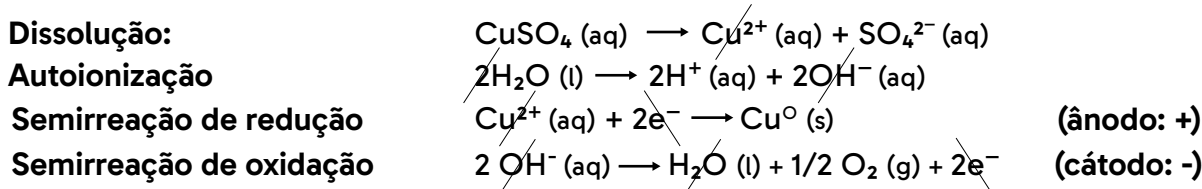
Ao ligarmos o gerador, o fluxo de elétrons se inicia, mais uma vez do polo positivo ao polo negativo, induzindo a reação redox. Entre os cátions dissolvidos, é o H^+ que ganha a competição pela redução, já que tem prioridade de descarga sobre o Na^+ , que pertence à família IA da tabela periódica e, portanto, está “abaixo” na pirâmide. Sua semirreação de redução ocorre assim:




Entre os ânions dissolvidos, é o OH^- que ganha a competição pela oxidação, já que tem prioridade de descarga sobre o SO_4^{2-} , que, por ser oxigenado, está “abaixo” na pirâmide. Sua semirreação de oxidação ocorre assim:



Assim, somamos todas as equações químicas para chegarmos à global:




 Produção de Ácido Sulfúrico, que, por ser ácido forte, fica ionizado na solução, acidificando-a.

Aspectos quantitativos de eletrólise

Essa parte nos permite calcular a quantidade de matéria das espécies oxidadas e reduzidas em uma célula eletrolítica a partir da quantidade de elétrons que são transferidos, e vice-versa. Permite-nos, também, calcular o tempo de

funcionamento do processo, a quantidade de carga envolvida e a quantidade de corrente elétrica envolvida, tudo isso em relação à transferência de elétrons na reação redox. Sabemos que a quantidade de elétrons sendo transferida do ânodo para o cátodo, pelo fio externo, é somente a necessária para tornar os ânions e cátions do sistema em espécies neutras.

Exemplo:

Na eletrólise de solução de nitrato de prata (AgNO_3), o cátion Ag^+ sofre redução, havendo deposição de Ag^0 metálico (prata), segundo a semirreação de redução seguinte.

$1 \text{ Ag}^+(\text{aq}) + 1 \text{ e}^- \rightarrow 1 \text{ Ag}^0(\text{s})$, então:

$1 \text{ mol Ag}^+ \text{ — } 1 \text{ mol e}^- \text{ — } 1 \text{ mol Ag}^0$

Aqui, 1 mol de elétrons provoca a deposição de 1 mol de prata (Ag^0). Pela tabela periódica e usando a estequiometria, sabemos que 1 mol de Ag corresponde a 108 gramas do metal. Como aprendemos em física, um elétron possui uma carga de $1,6 \cdot 10^{-19}$ C (coulombs), e, havendo vários elétrons, a carga total (Q) é a carga de um elétron (e) multiplicada pela quantidade de elétrons (n).

$$Q = n \cdot e$$

Dessa forma, se um mol de elétrons corresponde a $6,02 \cdot 10^{23}$ elétrons, a quantidade de carga transportada pela transferência de um mol de elétrons será:

$$\underbrace{1,6 \cdot 10^{-19} \text{ C}}_e \cdot \underbrace{6,02 \cdot 10^{23}}_n = \underbrace{9,65 \cdot 10^4 \text{ C}}_Q \text{ ou } 96500 \text{ C}$$

A este valor, foi dado o nome de constante de Faraday (uma vez que esses estudos foram realizados por Michael Faraday), e simplificado pela unidade faraday (1 F).

$$1 \text{ F} = 96500 \text{ C} = \text{carga transferida por 1 mol de elétrons}$$

Como a carga de um circuito elétrico (Q) está relacionada com a intensidade da corrente (i) contendo espécies carregadas durante o tempo (t) em que o tal circuito fica ligado, utilizamos a fórmula:

$$Q = i \cdot t$$

Onde:

Q = carga expressa em coulomb (C)

i = intensidade de corrente expressa em ampère (A)

t = tempo expresso em segundos (s)

OPA, eletrodeposição?

É a deposição de metais sobre alguma superfície a partir do processo eletrolítico da solução de um eletrólito que contenha o cátion do metal. Serve para revestimento, seja de joias, placas metálicas, etc. A eletrodeposição de alguns metais receberam nomes específicos: cromação, prateação, banho de ouro, banho de estanho, niquelação, entre outros.

4. BIOLOGIA

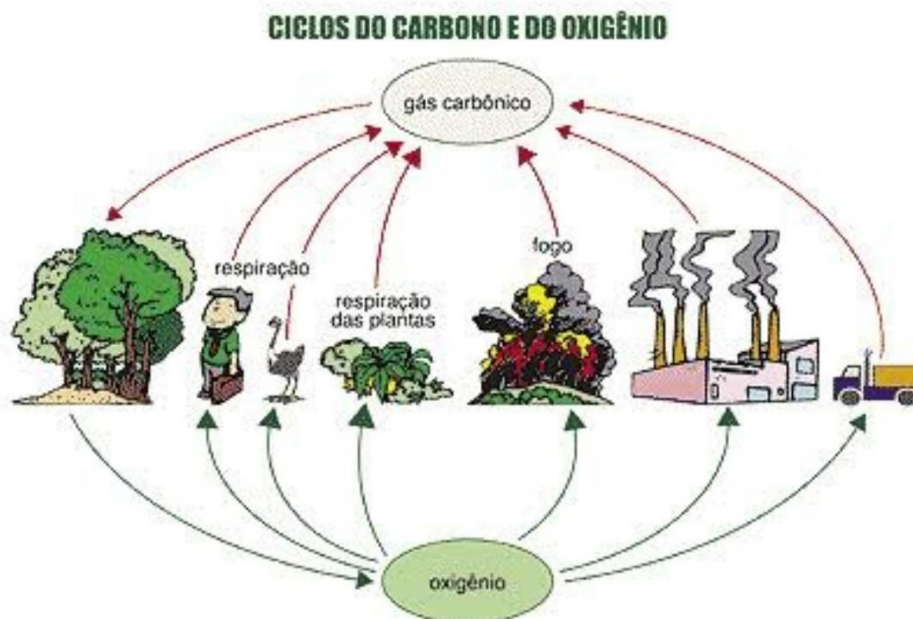
Ciclos biogeoquímicos e desequilíbrio ecológico

Ciclos Biogeoquímicos

Os ciclos biogeoquímicos são aqueles que relacionam elementos abióticos do meio ambiente, elementos químicos e os seres vivos. Os ciclos importantes são: ciclo do carbono, ciclo do oxigênio, ciclo da água e ciclo do nitrogênio.

Ciclo do Carbono

O ciclo do carbono se inicia com a **fixação** deste elemento pelos seres **autotróficos**, através da fotossíntese ou quimiossíntese, e fica disponível para os consumidores e decompositores. Durante a respiração celular e a fermentação, o gás carbônico retorna para o meio ambiente. O CO₂ também é liberado para a atmosfera na **queima de combustíveis fósseis** como carvão mineral, gasolina e óleo diesel, e durante a queimada de florestas, contribuindo para o agravamento do **efeito estufa**.

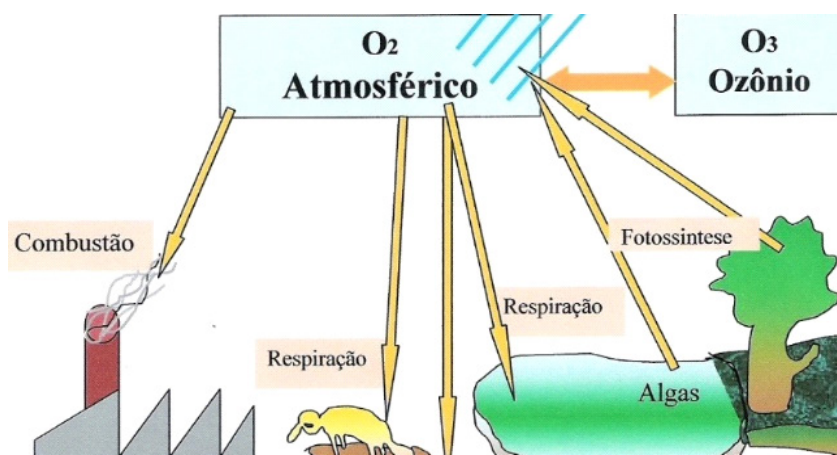


Ciclo do Oxigênio

O ciclo do oxigênio também está relacionado a estes processos: durante a fotossíntese, o oxigênio é liberado para a atmosfera e, durante a respiração celular e a combustão, ocorre o consumo deste gás. Na estratosfera, o oxigênio é transformado em ozônio por ação dos raios ultravioletas, formando a camada de ozônio, importante contra a entrada em excesso dessa radiação planetária, cuja exposição pode aumentar a incidência de câncer de pele, pela interferência com o material genético.

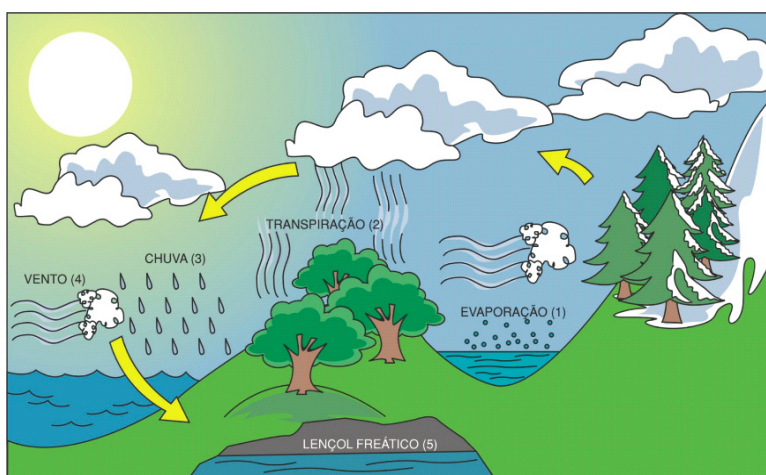
Atenção!

A liberação de clorofluorcarbonos (CFCs), presentes em sistemas de refrigeração e aerossóis, estava levando à destruição da camada de ozônio. Recentemente, foram substituídos.



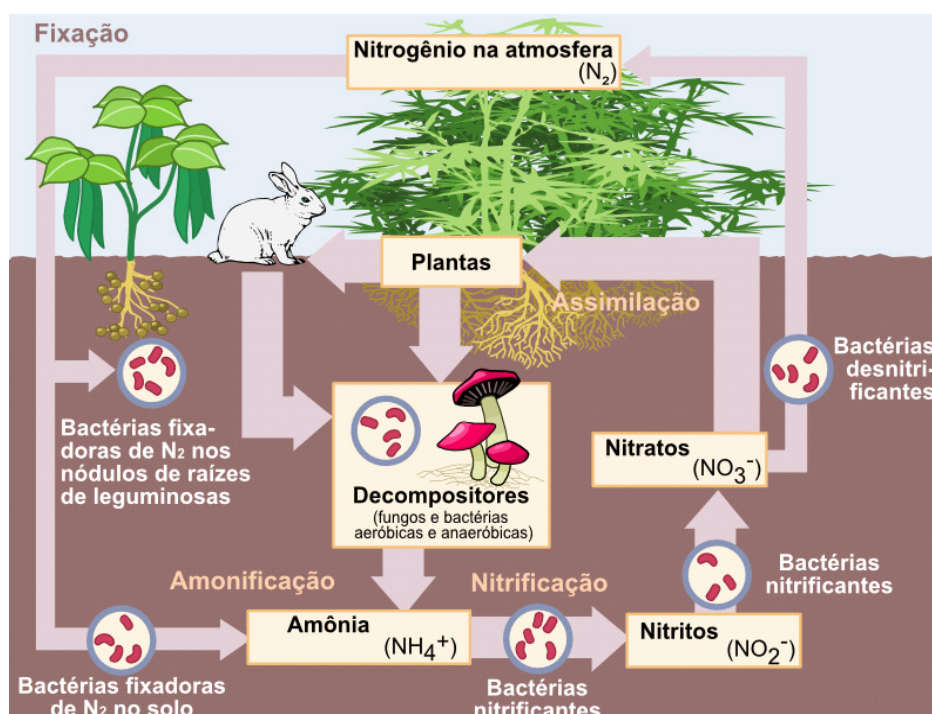
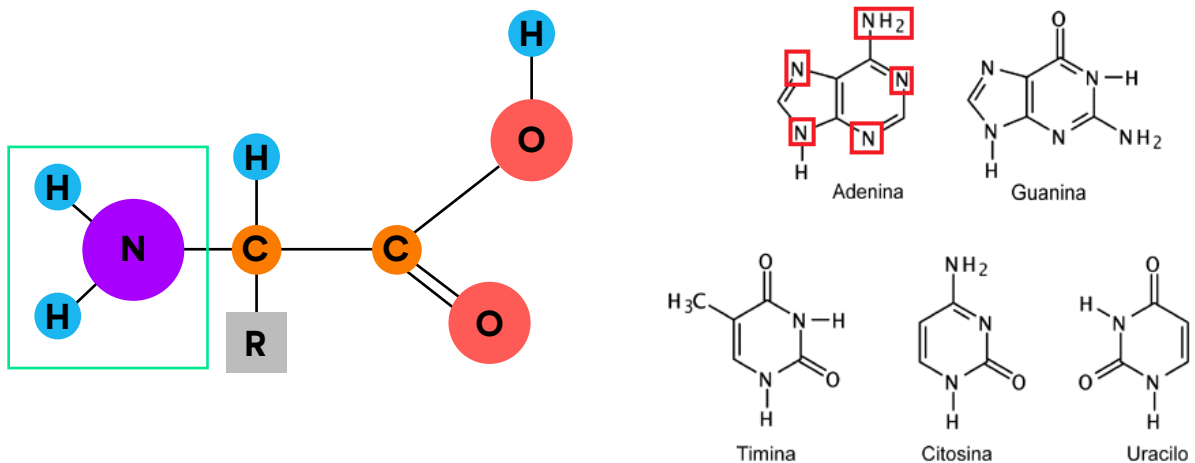
Ciclo da Água

O ciclo da água mostra o caminho da água no ambiente: sua forma gasosa, após condensada, sofre precipitação, e então em seu estado líquido, pode evaporar ou se infiltrar no solo formando lençóis freáticos. Ele pode ser dividido em ciclo curto da água, onde não há presença de seres vivos, ou ciclo longo da água, onde os seres vivos participam com a transpiração.



Ciclo do Nitrogênio

O nitrogênio atmosférico (N_2) forma cerca de 78% da composição do ar. No entanto, não pode ser aproveitado dessa forma pela maior parte dos seres vivos, que precisam desse nitrogênio para a constituição de proteínas (função amina dos aminoácidos) e ácidos nucleicos (em bases nitrogenadas). Leguminosas, como o feijão, a lentilha e a ervilha, possuem uma associação mutualística com bactérias do gênero *Rhizobium*, que formam nódulos em suas raízes e realizam o processo de fixação. Esse processo transforma o nitrogênio atmosférico (N_2) em amônia (NH_3). Bactérias nitrificantes, *Nitrosomonas* e *Nitrobacter*, fazem o processo de conversão da amônia em nitrito (NO_2^-) e posteriormente em nitrato (NO_3^-), respectivamente. O nitrato é o principal produto no solo aproveitado pelos vegetais, por meio do processo da assimilação. Esse nitrogênio é passado ao longo da cadeia alimentar para os consumidores. Bactérias e fungos decompositores retornam ao solo esse nitrogênio presente nos seres vivos na forma de amônia (NH_3). Para fechar o ciclo, há conversão do nitrato em nitrogênio atmosférico pelas bactérias desnitrificantes.

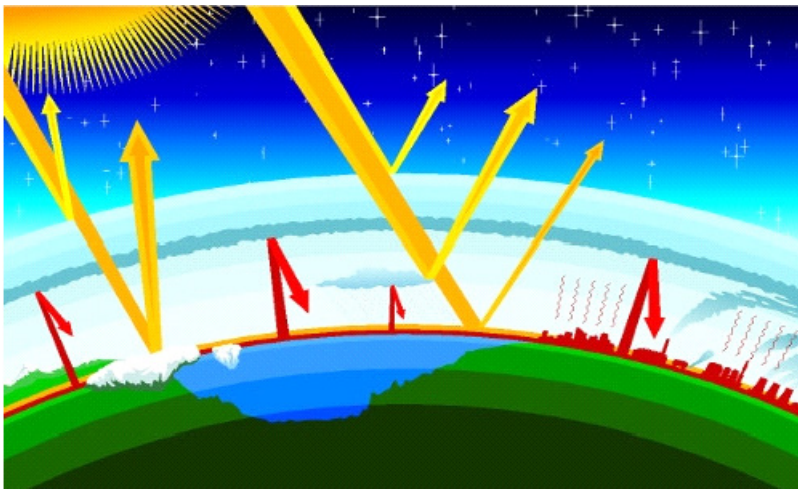


Desequilíbrio Ecológico

Os desequilíbrios ecológicos ocorrem quando o bom funcionamento de um ecossistema se quebra, podendo interferir tanto nos fatores bióticos quanto abióticos. Os desequilíbrios mais graves são aqueles que ocorrem por conta da ação antrópica, ou seja, com a interferência da ação humana.

Agravamento do Efeito Estufa

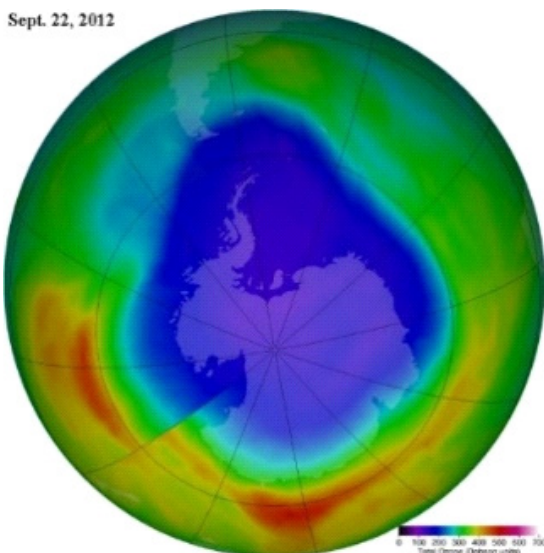
O efeito estufa é um efeito natural, responsável por manter a temperatura na Terra constante, porém com a emissão de gases estufas, como o gás carbônico e o metano, esta função de reter calor tem se agravado, aumentando a temperatura do planeta.



Buraco na Camada de Ozônio

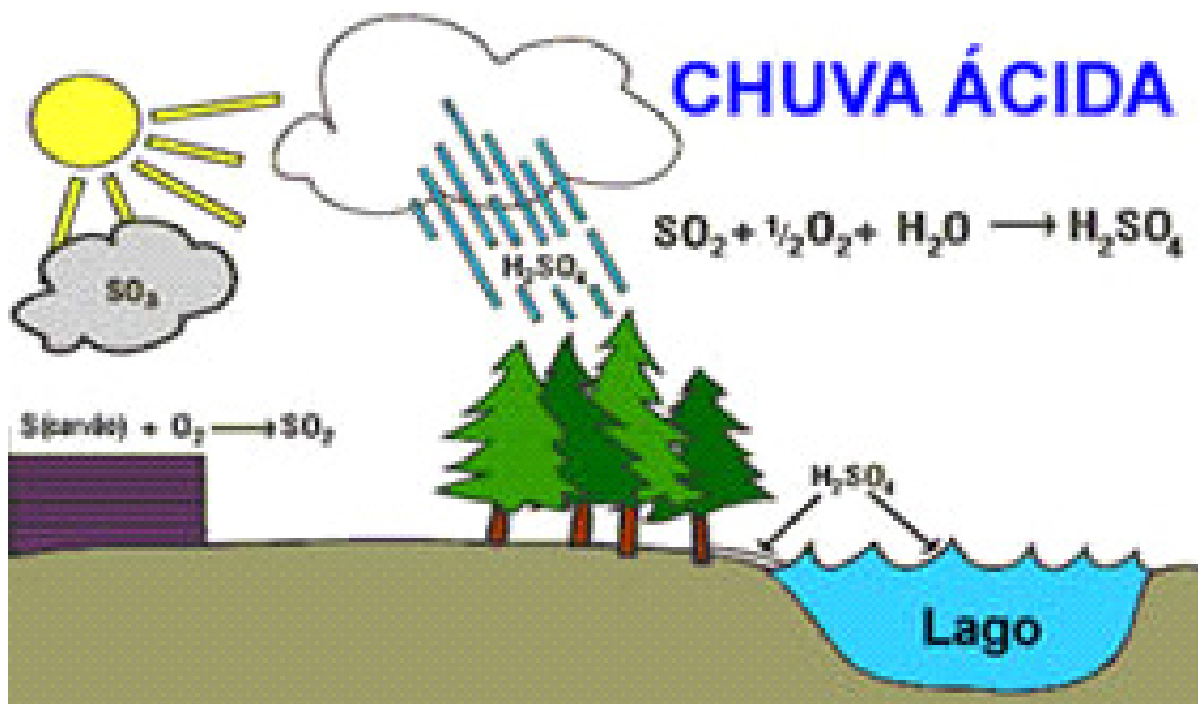
A camada de ozônio protege a superfície da Terra da incidência direta de raios ultravioletas. Com a liberação de certos gases, como o CFC (Cloro-fluor-carbono), a camada se desfaz, e a incidência dos raios uV pode aumentar o risco de mutações e câncer.

Sept. 22, 2012



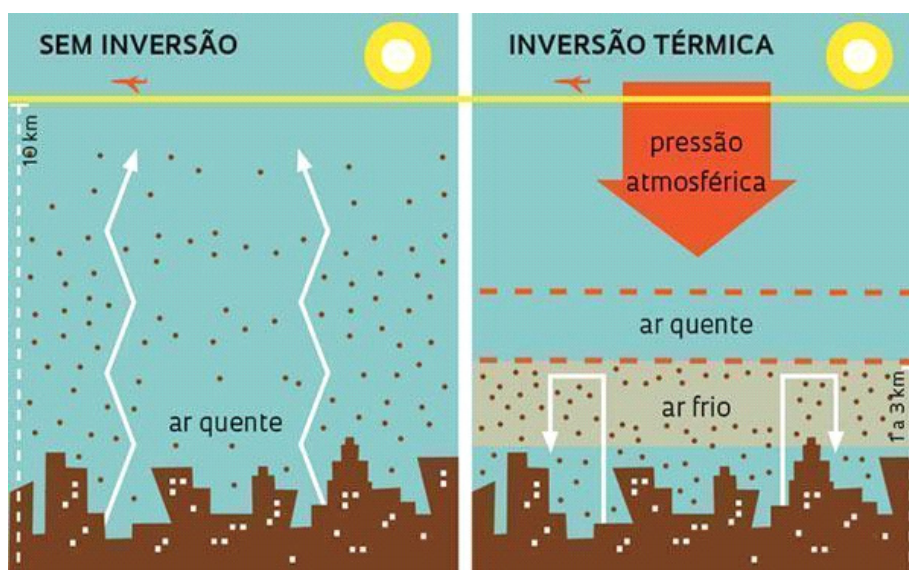
Chuva Ácida

Com o aumento de ácidos na atmosfera, como o NOX, SOX HNO3 e H2SO4, a água da chuva se acidifica, podendo danificar prédios e monumentos, além de poluir corpos de água e o solo.



Inversão Térmica

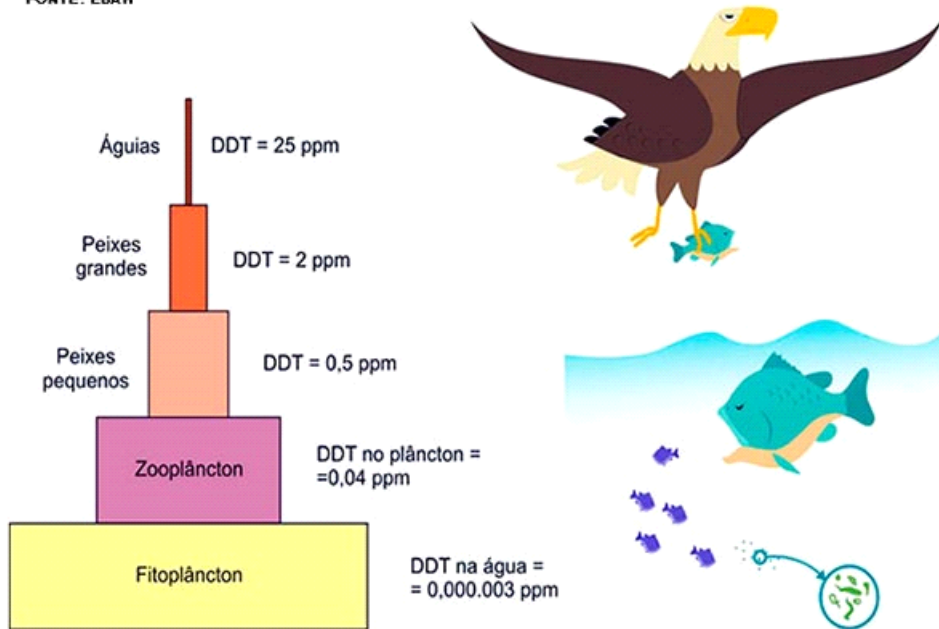
É outro processo natural, onde ocorre a troca de massas de ar quente e fria, e a massa de ar fria fica mais próxima da superfície. Porém em cidades onde há muita poluição, esta fica presa na camada de ar frio, não sofrendo a convecção, e pode causar diversos problemas respiratórios.



Magnificação Trófica

O acúmulo de compostos não biodegradáveis dentro de uma cadeia ou teia alimentar causa esse desequilíbrio. Organismos com maiores níveis tróficos são os mais afetados.

FONTE: EBAH



Eutrofização Artificial

Com a liberação de compostos orgânicos em corpos de água, por exemplo esgoto, há uma proliferação de organismos decompositores, seguido pela diminuição do oxigênio da água, causando a morte de organismos aeróbicos. Também pode acontecer de modo menos frequente com fertilizantes, ou seja, matéria inorgânica, sobre ambientes aquáticos.



Desertificação

Ocorre quando uma área que antes era fértil se torna pobre em relação ao solo e à biodiversidade, devido à degradação do ambiente. Pode ocorrer por questões climáticas naturais ou pela ação humana.



Eutrofização Artificial

Com a liberação de compostos orgânicos em corpos de água, por exemplo esgoto, há uma proliferação de organismos decompositores, seguido pela diminuição do oxigênio da água, causando a morte de organismos aeróbicos. Também pode acontecer de modo menos frequente com fertilizantes, ou seja, matéria inorgânica, sobre ambientes aquáticos.

5. GEOGRAFIA

Globalização

A globalização, ou mundialização, é um processo em que os fenômenos (economia, política, cultura, questão ambiental) passam a ocorrer em uma escala global. Do ponto de vista **histórico**, essa globalização inicia-se com as Grandes Navegações. Do ponto de vista **geográfico**, a intensificação desse processo é mais atual e ocorre após a dissolução da União Soviética e o fim da Guerra Fria.



A base técnica da globalização corresponde aos transportes e comunicações. As transformações observadas nas últimas décadas nesses setores, como o processo de containerização (uso de contêineres para o transporte de mercadorias) e o desenvolvimento da fibra óptica, possibilitaram o “encurtamento das distâncias” e a

expansão do comércio mundial. Na ponta desse processo, estão as empresas transnacionais. Elas são os principais agentes da globalização, carregando consigo seus produtos e suas marcas para o mundo. Segundo alguns estudiosos, a intensificação dessas trocas criaria uma “aldeia global”, isto é, uma cultura global e padronizada. Todos beberiam o mesmo refrigerante, comeriam a mesma comida, usariam a blusa da mesma marca... Entretanto, a forte identidade nacional permitiu ou intensificou outros fenômenos, como o hibridismo cultural (trocas culturais formam novas características culturais) e o choque de civilizações (culturas diferentes entram em conflito devido a essas diferenças). Assim, esse conceito de aldeia global não se confirmou.

6. HISTÓRIA

O mundo bipolar: apresentação da Guerra Fria



Em 1945, os impactos da 2ª Guerra Mundial em todo o planeta haviam sido tão grandes que novas configurações políticas, econômicas, geográficas e culturais surgiram. Este novo mundo, atormentado pela barbárie, pelo totalitarismo e pelas bombas atômicas, naquele momento, dividia-se em duas grandes zonas de influência: no lado ocidental, a hegemonia econômica e militar dos Estados Unidos da América permitia a criação de um bloco capitalista, enquanto no lado oriental, a expansão do Exército Vermelho pelo leste europeu e pela Ásia, construía uma cortina de ferro tomada pelo socialismo soviético de Josef Stálin.

Assim, com as duas potências que surgiram pós-2ª Guerra Mundial, um novo conflito se estabelecia entre o mundo, entre os ideais capitalista e socialista, representados pelos dois países hegemônicos que, a qualquer momento, poderiam entrar em mais um conflito de escala global, mas, desta vez, com armas de destruição em massa. Entretanto, apesar da existência de uma linha tênue entre o diálogo e a guerra durante o século XX, as disputas entre E.U.A e URSS nunca chegaram a conflitos bélicos diretos, por isso, este período ficou conhecido como a Guerra Fria.

O conflito entre as duas ideologias ficou marcado pela divisão do globo entre dois blocos e também acabou sendo representado, em menor escala, pela divisão da Alemanha e de sua capital, Berlim, logo após a 2ª Guerra Mundial. Na Conferência de Potsdam (1945), os chefes de Estado da URSS, da Inglaterra e dos EUA concordaram com a desnazificação da Alemanha e com a divisão de seu território em quatro zonas de influência, dividida entre os três países e a França. A União Soviética, que dominava o leste europeu com seu Exército Vermelho, acabou ocupando a maior parte, ficando com Berlim dentro de seu próprio território. Assim, ficou estabelecida a divisão alemã em dois Estados, a República Federal da Alemanha (ocidente-capitalista) e a República Democrática Alemã (oriente-socialista). Com a grande quantidade de pessoas que migravam da parte ocidental para a oriental, em 1961, a URSS iniciou mais um bloqueio radical, mas, desta vez, com a construção de um muro de 66,5 km, dividindo Berlim e a Alemanha e simbolizando, enfim, a própria divisão global. O Muro de Berlim se tornou um símbolo tão importante para o mundo bipolar da Guerra Fria que a sua queda, em 1989, tornou-se um marco da própria crise desse momento geopolítico e considerado, para alguns historiadores, como o fim da Guerra Fria. Apenas alguns anos depois, em 1991, a Guerra Fria teria seu fim definitivo com a própria queda da URSS e o início de uma nova ordem mundial, globalizada e multipolar.

Os períodos da Guerra Fria

- **Fase Clássica (1947-1954)** – Período de montagem dos blocos e de tensões entre E.U.A e URSS, tem fim com a morte de Josef Stálin e a eleição de Dwight Eisenhower.
- **Coexistência Pacífica (1954-1962)** – Período de tolerância entre as duas potências e realização de diálogos, sem muitas crises internacionais.
- **Crise dos Mísseis (1962)** – Crise diplomática entre E.U.A e URSS pela descoberta de mísseis soviéticos em Cuba e de mísseis americanos na Turquia.
- **Détente (distensão) (1962-1979)** - Período de reaproximação entre as duas potências, marcado por cisões internas e revoluções locais.
- **“Segunda” Guerra Fria (1979-1991)** – Retomada de hostilidades entre as potências e crise da União Soviética.

A construção do bloco capitalista

Pelo lado capitalista, um conjunto de práticas passou a ser adotado a partir do discurso do presidente dos Estados Unidos Harry S. Truman, em 1947. O discurso em defesa do capitalismo e dos ideais de liberdade acreditavam na necessidade da construção de um aparato de defesa desses ideais no mundo contra a expansão socialista. Esse projeto, assim, ficou conhecido como a **Doutrina Truman**, que deu início a montagem de um complexo sistema de defesa do bloco capitalista.

Apesar dos E.U.A representarem a principal potência desse bloco, havia também a participação de países democráticos, sobretudo os europeus, como a Inglaterra, a França e a Alemanha Ocidental. Esses países, devastados pelas Guerras, receberam apoio financeiro dos E.U.A através do Plano Marshall (1948), que tinha como objetivo recuperar a economia europeia e afastar o espectro socialista com empréstimo a juros baixos e investimentos públicos.



Na Ásia também houve um planejamento semelhante, conhecido como o **Plano Colombo**, no entanto, o apoio econômico à Ásia foi muito menor que o destinado à Europa e só se iniciou em 1951, após a explosão da Revolução Comunista de Mao Tsé-Tung, na China (1949), e o início da Guerra da Coreia (1950). Assim, o Japão passou a se tornar um grande aliado das potências ocidentais e do bloco capitalista nesse continente.

Na América, enfim, a presença capitalista e norte-americana se consolidou não através da ajuda econômica, mas da interferência política direta e das atividades militares. Desde o século XIX, com a Doutrina Monroe (1823) e durante o século XX, com a política do Big Stick (1903) e o corolário Roosevelt (1904), os Estados Unidos detinham a hegemonia econômica e militar na América, evitando a interferência europeia e atuando diretamente nas manipulações políticas regionais, com apoio de golpes, ditaduras e intervenções militares.

Assim, a criação do **Tratado Interamericano de Ajuda Recíproca (TIAR-1948)** tinha como objetivo construir uma aliança militar, sob domínio norte-americano, capaz de combater as ameaças socialistas e os possíveis ataques soviéticos aos países da América. No ano seguinte, de forma semelhante, os E.U.A também se envolveu na criação da **Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN-1949)** que seria responsável por consolidar uma aliança militar entre as potências do norte e, também, combater possíveis ataques socialistas.

Ainda que um aparato militar estivesse pronto para defender o bloco capitalista de quaisquer ameaças socialistas, no final da década de 1940, com a circulação das notícias de espiões soviéticos infiltrados nos E.U.A e com o suposto roubo dos planos da bomba atômica em 1949, uma paranoia coletiva se instalou nos dois

blocos, gerando uma guerra muito mais oculta. Essa nova forma de atuação dos países propiciou a criação nos Estados Unidos de um serviço secreto capaz de garantir a segurança nacional com o uso da inteligência e de espionagem, conhecido como **Central Intelligence Agency (CIA)**, criada em 1947 pelo presidente Truman.

A atuação de espões socialistas e de cidadãos americanos pró-União Soviética, movimentaram ainda mais a guerra ideológica interna que os países viviam. Nos E.U.A, por exemplo, a paranoia da espionagem foi tão intensa que, em 1950, o senador Joseph McCarthy declarou que tinha uma lista com nomes de funcionários do Departamento de Estado Norte-Americanos que seriam, na realidade, espões soviéticos infiltrados.

A “**lista negra**” de McCarthy iniciou um período de “caça às bruxas” nos Estados Unidos, que visava perseguir, prender e até mesmo torturar indivíduos suspeitos de espionagem ou de ligação com o comunismo. As ações de McCarthy renderam diversas prisões durante a década de 1950 e chegaram a dar origem ao **Comitê de Investigação de Atividades Antiamericanas do Senado dos Estados Unidos**, responsável por receber denúncias e investigar cidadãos acusados de “práticas socialistas”. A ideia base do **macartismo** se espalhou pelo ocidente como uma perseguição geral aos partidos comunistas e seus simpatizantes.



A construção do bloco socialista

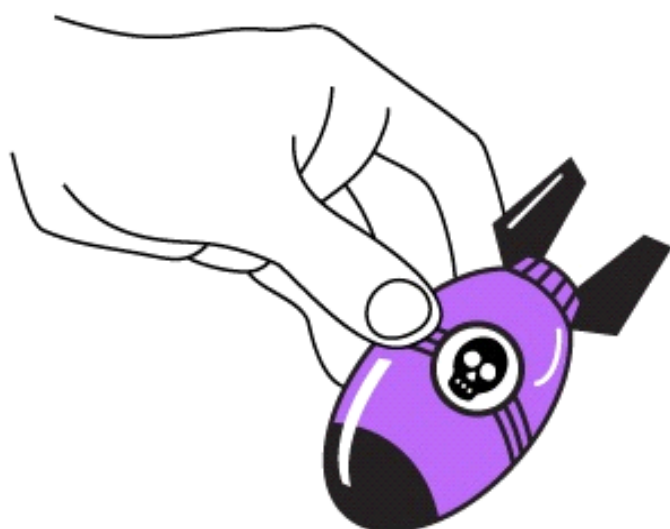
No lado asiático, alguns países também fizeram parte da zona de influência soviética, demarcando a menos conhecida Cortina de Bambu, que contou com alguns governos socialistas como Laos, Mongólia e Vietnã. Vale destacar que, nesta esfera, as alianças socialistas ao longo do século XX foram muito mais instáveis, visto que o sucesso da revolução de Mao Tsé-Tung (1949) permitiu o surgimento de uma nova força socialista na região que atraiu regimes descontentes com a política soviética.

Assim, para consolidar a ideologia Enquanto no lado capitalista a Doutrina Truman orientou todo um sistema de defesa e consolidação dos ideais capitalistas e liberais, no lado oriental, a ocupação do Exército Vermelho e o Stalinismo garantiram a presença do socialismo com base no autoritarismo. Assim, uma linha de fronteiras conhecida como **Cortina de Ferro** separava os países do bloco capitalista da zona de influência soviética, que contava com os Estados satélites da Alemanha Oriental, Polônia, Hungria, Tchecoslováquia, Bulgária e Romênia e com as repúblicas soviéticas da Ucrânia, Armênia, Azerbaijão, Bielorrússia, Geórgia, Estônia Lituânia, Letônia e Cazaquistão. comunista nessas zonas de influência, além do autoritarismo, também houve o apoio econômico. A União Soviética possuía um desenvolvimento econômico e industrial muito inferior aos Estados Unidos, logo, o **Conselho para Assistência Econômica Mútua (COMECON-1949)**, apesar de apoiar economicamente os países socialistas, não alcançou as mesmas proporções da versão capitalista, o Plano Marshall.

Pela perspectiva militar, se o bloco capitalista investiu em alianças como o TIAR e a OTAN, a União Soviética, por sua vez, criou em 1955 o exército do Pacto de Varsóvia. A aliança contava com a participação da Alemanha Oriental, da Polônia, da Tchecoslováquia, da Albânia, da Romênia, da Bulgária e da Hungria, sob comando da URSS. O **Pacto de Varsóvia** foi criado como uma ferramenta de defesa dos ideais socialistas contra possíveis ataques do bloco capitalista, no entanto, sua maior atuação foi na opressão de revoltas e cisões internas, como na Primavera de Praga (1968) com a ocupação militar da cidade.

Essas cisões e as ameaças norte-americanas também geraram a necessidade, por parte dos soviéticos, de institucionalizar ainda mais os seus aparatos de espionagem. Visando assim descobrir os planos dos inimigos e dos opositores internos, para executar ações rápidas, a União Soviética, em 1954, criou oficialmente o serviço de inteligência e espionagem da KGB (Comitê de Segurança do Estado).

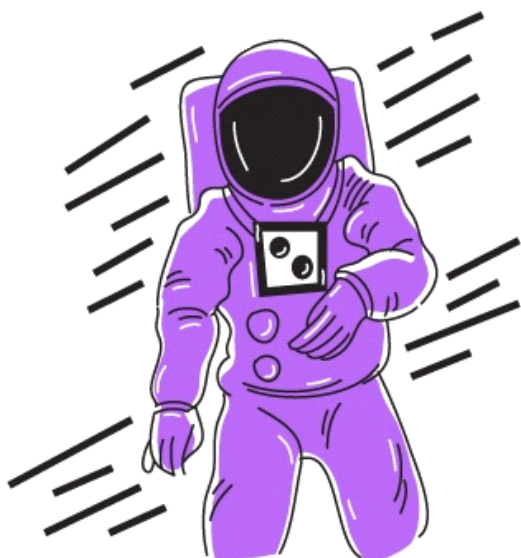
Corrida espacial e armamentista



Como visto, a Guerra Fria ficou marcada como uma longa disputa sem conflitos diretos entre as ideologias do capitalismo e do socialismo. Entretanto, apesar das disputas diretas não terem acontecido, de forma indireta os dois países disputaram ano após anos a conquista de zonas de influência, o desenvolvimento de tecnologias, as medalhas olímpicas e, até mesmo, a conquista do espaço.

Ao contrário da corrida espacial, a disputa pela formação de uma potência bélica já havia começado durante a 2ª Guerra Mundial. Antes mesmo das bombas de Hiroshima e Nagasaki chocarem o mundo, os nazistas já desenvolviam com uma equipe científica diversos tipos de armas, sem qualquer respeito pela ética ou por vidas humanas. Armas químicas e biológicas foram testadas em seres humanos em campos de concentração, foguetes foram planejados e até mesmo bombas nucleares estavam nos planos nazistas. No entanto, o primeiro país a surpreender o mundo com uma arma com esse tamanho de destruição foram os E.U.A que, a partir do chamado Projeto Manhattan, construiu sua primeira bomba atômica, testada em julho de 1945 no Novo México. Com o sucesso do Projeto Manhattan, as bombas foram jogadas em Hiroshima e Nagasaki, iniciando, definitivamente, a corrida armamentista.

A partir desse momento, começou a tentativa de construção de armas similares por parte da URSS e de armas mais poderosas pelos Estados Unidos. Assim, em 1949, a União Soviética declarou ao mundo que havia construído sua primeira bomba nuclear, mas, logo em 1952, os E.U.A já testavam sua primeira bomba de hidrogênio, com um poder 750 vezes superior à bomba nuclear.



Durante os anos de disputa, a bomba mais potente lançada foi em 1961, pelos soviéticos, às vésperas dos eventos da chamada crise dos mísseis. A arma, conhecida como Tsar Bomb, possuía uma força original de 100 megatons, sendo reduzida forçadamente para 57 MT antes do lançamento, visto que a força original poderia devastar a Europa. Após a crise dos mísseis, uma série de tratados foram assinados visando a redução do armamento nuclear, visto que, uma guerra entre as duas potências poderia ter como consequência a destruição do planeta.

Como visto, a Alemanha nazista já realizava na década de 1940 experimentos com lançamentos de foguetes e mísseis, portanto, ao fim da guerra, apesar do julgamento e condenação de muitos nazistas, os principais cientistas do país foram repatriados pelos E.U.A e pela União Soviética e passaram a trabalhar em institutos militares e aeroespaciais das duas potências. O engenheiro alemão Wernher Von Braun, por exemplo, foi fundamental na construção de mísseis balísticos e na criação do programa espacial americano. A contribuição desses cientistas e a corrida pela construção de armas potentes, assim, influenciou no próprio desejo de alcançar e conquistar o espaço.

No dia 4 de outubro de 1957, a URSS deu a largada para a corrida com o lançamento do satélite Sputnik I, que foi um modelo de teste programado apenas para transmitir um sinal de rádio. A partir desse lançamento, a URSS durante a década de 1950 manteve a dianteira na corrida, lançando em 1957 o Sputnik II, tripulado pela cadela Laika e, em 12 de abril de 1961, surpreendeu o mundo enviando o primeiro homem ao espaço, o astronauta Yuri Gagarin, na Vostok I. Pelo lado americano, o primeiro satélite enviado foi em 1958, o Explorer I, a partir dele, uma série de outros satélites foram lançados e uma agência espacial foi criada para continuar as pesquisas e o desenvolvimento de tecnologias, a **NASA** (1959). A partir de então, os satélites passaram a ganhar novos objetivos, como mapeamento de regiões, espionagem, comunicação e outras funções. Mas, o ponto de chegada, definido por John F. Kennedy em 1961 como o solo lunar, até então, não havia sido alcançado.

Apenas no dia 20 de julho de 1969 que a missão americana Apollo 11, tripulada pelos astronautas Neil Armstrong e Edwin Aldrin enfim pousou na lua, fazendo com que os norte-americanos se tornassem os primeiros homens na história a caminharem sobre o solo lunar, encerrando, enfim, a corrida espacial com a superioridade tecnológica dos E.U.A.

A Crise dos Mísseis de 1962

Em 1959, a vitoriosa revolução nacionalista de Fidel Castro retirou do poder o antigo ditador Fulgêncio Batista e iniciou em Cuba um período de combate ao imperialismo norte-americano e aproximação à influência soviética. Essa manobra política, naturalmente, atraiu para Cuba graves punições e uma relação hostil com o vizinho do norte, que tentou interferir na revolução de forma violenta, com a fracassada invasão militar à Baía dos Porcos, em 1961.

Isolada politicamente no ocidente e sem força econômica e militar para resistir às pressões norte-americanas, a transformação de Cuba em um país socialista e a aproximação com a União Soviética garantiram ao país proteção e desenvolvimento durante a Guerra Fria. A ilha comandada por Fidel Castro se tornou um importante ponto estratégico para a União Soviética e um grande problema para os Estados Unidos.

Assim, nesta conjuntura, descobrindo a instalação de mísseis norte-americanos na Turquia, apontados para a União Soviética, o país socialista decidiu então apoiar a resistência cubana e, estrategicamente, garantiu também a construção de bases militares em Cuba, com mísseis nucleares apontados para o rival capitalista.



Visto isso, em outubro de 1962, o presidente John F. Kennedy anunciou que fotos aéreas de um avião norte-americano comprovavam a instalação de mísseis nucleares à 145km da costa da Flórida, revelando assim uma ameaça ao país e uma possível declaração de guerra dos socialistas. Uma série de tensões entre os dois governos ficou conhecida como os “13 dias que abalaram o mundo”, pois, a qualquer momento, muitos acreditavam que uma guerra nuclear finalmente teria início.

Apenas no dia 28 de outubro que os dois países chegaram a um acordo, com o líder socialista Nikita Khrushchov decidindo retirar os mísseis de Cuba com algumas condições: o fim das interferências americanas em Cuba e a retirada dos mísseis americanos da Turquia.

O período de Distensão (Détente) - 1961-1979

Como visto, durante os chamados “13 dias que abalaram o mundo”, a eminência de uma guerra nuclear e da destruição global alertou as potências quanto aos perigos e problemas que uma nova guerra ocasionaria. Assim, já em 1963, uma linha direta de comunicação entre Washington e Moscou foi criada, conhecida como o Telefone Vermelho. O canal de comunicação surgiu para evitar novamente os atrasos no envio de mensagens que aconteceram durante a crise dos mísseis e acelerar negociações mais delicadas, assim como, possivelmente, avisar sobre disparos nucleares ou ataques militares sem a autorização de algum dos governos.

Essa melhoria na comunicação entre os dois países marcou um período da Guerra Fria conhecido como a Détente, com um maior diálogo entre as duas potências globais. Além da tentativa de evitar possíveis conflitos diretos e da melhoria na comunicação, a crise dos mísseis também teve como consequência a assinatura de novos acordos que encerraram a chamada corrida armamentista.



Visto isso, em outubro de 1962, o presidente John F. Kennedy anunciou que fotos aéreas de um avião norte-americano comprovavam a instalação de mísseis nucleares à 145km da costa da Flórida, revelando assim uma ameaça ao país e uma possível declaração de guerra dos socialistas. Uma série de tensões entre os dois governos ficou conhecida como os “13 dias que abalaram o mundo”, pois, a qualquer momento, muitos acreditavam que uma guerra nuclear finalmente teria início.

Apenas no dia 28 de outubro que os dois países chegaram a um acordo, com o líder socialista Nikita Khrushchov decidindo retirar os mísseis de Cuba com algumas condições: o fim das interferências americanas em Cuba e a retirada dos mísseis americanos da Turquia.

Tendo em vista que uma guerra nuclear poderia causar uma devastação global e com as tensões de 1962, E.U.A e União Soviética decidiram durante a década de 1960 reduzir seus armamentos nucleares. O primeiro acordo, já em 1963, foi o Tratado de Moscou, que evitava o desenvolvimento de novas pesquisas e tecnologias nucleares bélicas. Apesar de ainda ser bastante conservador, ele não foi o único

Desta forma, o principal acordo entre os países foi o Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares (TNP). Este tratado foi assinado em 1968 entre Estados Unidos, União Soviética, França, Inglaterra e China, que concordavam com a redução dos seus arsenais nucleares e com a não transferência de tecnologia nuclear para outras nações.

Desta forma, E.U.A e U.R.S.S resgatavam o diálogo e reduziam as provocações, levando a Guerra Fria um período de menor tensão durante as décadas de 1960 e 1970. No entanto, apesar das duas potências manterem os diálogos, as cisões internas nos dois blocos marcaram essas duas décadas. Assim, tanto do lado capitalista quanto no lado socialista, pessoas questionavam cada vez mais as autoridades, a implementação de ditaduras, a falta de liberdade e de igualdade e o desrespeito a direitos civis básicos

As cisões no bloco socialista

- **A ruptura sino-soviética**

Desde 1949, o sucesso da Revolução Socialista de Mao Tse-Tung na China construía na Ásia uma crescente potência no bloco que, com o passar dos anos questionava cada vez mais a hegemonia soviética e a bipolarização do mundo. O revolucionário Mao Tse-Tung já se distanciava do socialismo soviético ao elaborar seus próprios ideais socialistas, voltados para o trabalhador rural e não para o urbano. Mao Também passou a discordar, durante a década de 1950, do posicionamento soviético de coexistência pacífica com o bloco capitalista. Assim, apesar da década de 1960 resgatar os diálogos entre americanos e soviéticos por um lado, por outro causou um aprofundamento na distância entre China e U.R.S.S. Enquanto os soviéticos desejavam manter a China como um dos seus Estados satélites, o país de Mao Tse-Tung desejava ter maior poder político e maior autonomia, dialogando de igual para igual. Logo, a década de 1960 marcou um período conhecido como a ruptura sino-japonesa, com poucos diálogos pacíficos, fronteiras cercadas por tropas e desalinhamento dos dois países em diversas decisões, que levaram à fragmentação do bloco socialista.

- **A Primavera de Praga (1968)**

Ainda nesta tendência de questionamento ao autoritarismo soviético, um outro problema na década de 1960 para a U.R.S.S foi a chamada Primavera de Praga (1968). Este período teve início com a chegada de Alexander Dubcek ao poder na Tchecoslováquia, que promoveu uma série de reformas no país satélite soviético. As mudanças, realizadas por intelectuais do próprio Partido Comunista Tcheco, garantiriam aos cidadãos maior liberdade e ao país maior autonomia, promovendo assim uma política de socialdemocracia no país.

Portanto, dentre as reformas propostas pelo novo líder estava uma maior liberdade política, com o fim da hegemonia do partido Comunista, a liberdade de imprensa e judicial e até mesmo a revisão da Constituição, garantindo maiores direitos aos cidadãos. Essas mudanças, portanto, alinhariam as duas características dos blocos que pareciam impossíveis de coexistirem, a igualdade e a liberdade.

Buscando uma rápida contenção dessas políticas e evitando que esses ideais se espalhassem pela cortina de ferro, a U.R.S.S logo enviou suas tropas com tanques de guerra para ocuparem a capital de Praga e prenderam Dubcek, que foi obrigado a assinar um acordo abrindo mão das reformas. Assim, apesar das transformações não acontecerem, a população de Praga resistiu de forma bravíssima e não-violenta à ocupação soviética. Com estratégias simples, os tchecos pintaram placas de sinalização, realizavam greves, impediam a mobilização dos soviéticos e evitaram de todas as formas confrontos diretos, para que um massacre não ocorresse.

As cisões no bloco capitalista

- **Guerra do Vietnã (1955-1975)**

Durante a Guerra Fria, diversos processos de independência na África e na Ásia ocorreram, combatendo o imperialismo que dominava países dessas regiões desde o século XIX. No caso da península Indochina, durante a 2ª Guerra Mundial o processo de libertação da região se intensificou, sobretudo na região vietnamita, enfrentando os colonizadores franceses e japoneses.

Com a libertação, dois regimes diferentes se instalaram: ao norte, o regime socialista de Ho Chi Minh, apoiado pela China e pela U.R.S.S., enquanto ao sul, o governo capitalista do católico Ngô Đình Diêm, apoiado pelos Estados Unidos. A dificuldade no processo de reunificação levou os dois países a um grave impasse, movido por tensões, atentados terroristas e o início de uma guerra. Os E.U.A, temendo o surgimento de uma nova força socialista através de uma revolução, como fora China e Cuba, tentou garantir a supremacia do governo sulista, enviando tropas diretamente para a chamada Guerra do Vietnã no início dos anos de 1960.

Entretanto, a desastrosa campanha americana nos combates levou o Estado a gastos exorbitantes com a guerra e atraiu ao longo dos anos diversas críticas da opinião pública, afinal, cada vez mais jovens morriam e dinheiro era gasto em uma guerra que se prolongava sem sucessos.

- **O movimento Hippie**

Durante a década de 1950, uma geração de jovens atormentados pela 2ª Guerra Mundial e pela atual conjuntura do mundo passou a questionar os conceitos de liberdade defendidos pelo capitalismo e abandonou os padrões de vida instituídos pelo antigo “american way of life”. Esses jovens, conhecidos como a Geração Beat, ficaram conhecidos por escritores como Jack Kerouac e Allen Ginsberg, reformularam as ideias de liberdade e influenciaram diretamente um movimento muito maior que se formou posteriormente, nos anos 1960, conhecido como a geração Hippie.

O movimento Hippie, assim como seus antecessores beatniks, formaram uma onda de oposições aos padrões vigentes da época. Expressando-se através de uma ideia de contracultura, os hippies americanos questionaram o conservadorismo da classe média, passaram a estimular cada vez mais as descobertas sobre o corpo e a sexualidade, valorizaram a literatura fantástica, o uso de drogas estimulantes, a música psicodélica e se afastavam dos ideais nacionalistas.

Um dos gatilhos para essa geração foi a Guerra do Vietnã, que se desenrolava ao longo dos anos de 1960 e levava milhões de jovens americanos à morte nas florestas vietnamitas. Portanto, lemas como “Paz e Amor”, “Proíbam a bomba” “Faça amor, não guerra” entoaram os gritos dessa geração em diversos protestos pacíficos pela paz, pelo antimilitarismo e na luta por direitos civis de grupos oprimidos.

• O movimento negro nos Estados Unidos

Apesar do fim da escravidão ter marcado a emancipação da comunidade negra após a Guerra de Secessão, durante a maior parte do século XX, nos Estados Unidos, a população negra sofreu com a segregação institucionalizada em diversas leis sulistas, como as **Leis Jim Crow** e a doutrina “Separados, mas iguais”, que proibia o acesso de negros a determinados espaços. Além do mais, essa população teve dificuldade para conquistar direitos civis básicos e foi perseguida por movimentos extremistas como a Ku Klux Klan e outros grupos racistas. Desta forma, a população negra nos Estados Unidos, naturalmente, não tinha acesso aos padrões do “American Way of Life” e muito menos à propagandeada liberdade, símbolo do país. Assim, a opressão sofrida por esse grupo gerou uma série de movimentos contestatórios desde o início do século XX, mobilizados sobretudo por um ideal pan-africanista de autores americanos negros, como William E. D. Du Bois, que defendia a união dos descendentes africanos e o combate ao racismo.

Um dos grandes momentos catalizadores do movimento negro norte-americano começou, enfim, no dia 1 de dezembro de 1955, quando a costureira negra conhecida como Rosa Parks se negou a ceder seu lugar no ônibus para um homem branco, recusando-se obedecer a segregação e iniciando, assim, um movimento de **boicote aos ônibus da cidade de Montgomery**. O movimento liderado por Rosa Parks, que durou de dezembro de 1955 a dezembro de 1956, questionou a segregação racial, conquistou o fim dessas políticas segregacionistas no Alabama e impulsionou diversos outros movimentos de lutas por direitos civis nos Estados Unidos.

Uma das grandes lideranças deste movimento, inclusive, foi o pastor negro Martin Luther King Jr. que, inspirado na luta de Rosa Parks, também iniciou um movimento pacífico durante a década de 1960, lutando pela conquista de direitos civis básicos e liberdade para a população negra. A luta de King o levou ao status de uma das grandes lideranças do movimento negro na época e seu pensamento norteou grandes eventos, como a **Marcha Sobre Washington por Trabalho e Liberdade**, em 1963, onde fez o famoso discurso conhecido como “Eu tenho um sonho” e, em 1965, as **Marchas de Selma a Montgomery**, que conquistaram nesse ano o fim da segregação racial nos direitos ao voto e à eleição.

Se por um lado, pessoas como Rosa Parks e Martin Luther King Jr eram ativistas que defendiam táticas de não violência e a luta pacífica, por outro, ativistas negros como **Malcom X** se posicionava de forma mais radical, defendendo a autodefesa armada e a revolução negra. A figura de Malcom X esteve muito ligada na década de 1960 ao islamismo como forma de libertação e valorização da ancestralidade africana, desta forma, Malcom X questionou e denunciou a estrutura racista norte-americana e muitas vezes defendeu a impossibilidade da convivência natural entre negros e brancos, posicionando-se de forma antagônica aos ideais de King.

Outro movimento famoso de resistência importante foi o Partido dos Panteras Negras, fundado em 1967. Inicialmente era um grupo de autodefesa dos bairros de maioria negra contra os abusos policiais, mais tarde o movimento ganhou contornos de um marxismo revolucionário, sendo que algumas alas mais radicais eram a favor da revolução armada. O grupo chegou a contar com mais de dois mil membros filiados com sedes em todo o país, estes sofreram uma dura repressão policial e um desmantelamento sistemático provocado pelo FBI, onde muitos membros foram executados ou presos, um de seus adeptos mais famosos foi a ativista Angela Davis.

Anos 80 e o fim da URSS

Em 1979 a aproximação entre Estados Unidos e União Soviética, ocorrida na década anterior, foi interrompida quando a união Soviética invadiu o Afeganistão. Chegava ao fim o período da Détente (distensão). No entanto, em 1985 os ventos de mudanças voltaram a soprar em território soviético. Nesse ano assumiu o poder em Moscou Mikhail Gorbatchev. Preocupada com a ineficiência da economia soviética e com a ausência de democracia nos órgãos de poder, ele propôs uma série de reformas ao país.

Entre elas esteve a Perestroika (reestruturação), destinada a descentralizar a economia e torná-la mais eficiente e a Glasnost (transparência), uma política de abertura e diálogo no trato das questões políticas e sociais, contra a corrupção e a ineficiência na administração e com propostas de maior liberdade nas diversas esferas da vida soviética.

Em oposição aos stalinistas, Gorbatchev defendia o abandono do rígido planejamento econômico central, a abolição do sistema de preços ditados pelo governo, a autogestão das empresas estatais e certa liberdade de mercado. Queria também que o poder fosse devolvido aos soviets e que o Partido Comunista fosse separado do Estado.

Essas mudanças abalavam a estrutura do Estado burocrático e feriam interesses há muito sedimentados. As forças conservadoras não tardaram a se articular. Eram formadas por altos funcionários do Partido e do Estado que temiam perder seus cargos e privilégios. Oposta a essa tendência, se desenvolveu também uma corrente ultra reformista, formada por militantes do partido, queriam que Gorbatchev acelerasse e aprofundasse as reformas em andamento. Seu principal representante era Boris Ieltsin.



Em agosto de 1991, as forças conservadoras tentaram reassumir o poder promovendo um golpe de Estado liderado pelos ministros do Interior e da Defesa e pelo chefe da KGB (polícia secreta soviética). Gorbachev foi afastado do governo e submetido a prisão domiciliar. A reação da população foi imediata. Em Moscou, o povo saiu às ruas em defesa de Gorbachev. Após três dias de impasse, os golpistas foram presos e Gorbachev reconduzido ao seu posto. Logo depois desse período de tensões, em setembro de 1991, as repúblicas bálticas – Letônia, Lituânia e Estônia – proclamaram sua independência. A partir de então, o processo de esfacelamento da União Soviética se tornou irreversível. No natal de 1991, Gorbachev antecipou a data marcada para a extinção oficial da União Soviética renunciando o cargo de presidente e comandante-chefe das forças armadas. Era o fim do Império Vermelho. Dessa ruptura foi formada a CEI - Comunidade dos Estados Independentes.

Queda do Muro de Berlim

A derrota da Alemanha na Segunda Guerra Mundial resultou na divisão do país, que se tornou o marco de dois blocos político-econômicos antagônicos na Guerra Fria. A capital, Berlim, também foi dividida e na década de 1960 se tornou um dos símbolos do mundo bipolar com a construção do Muro de Berlim. O muro de Berlim pode ser considerado o grande símbolo da Guerra Fria. A decisão de erguer o muro partiu dos então líderes da URSS e Alemanha Oriental, Nikita Krushev e Walter Ulbricht., para isolar Berlim Oriental e evitar o contato entre as duas regiões, evitando, inclusive, migrações para a parte ocidental de Berlim. Construído na forma de um cerco que envolvia toda a parte ocidental da capital alemã em 1961, a única forma de acesso à parte ocidental da cidade ficou sendo a aérea.



Queda do Muro de Berlim (1989)

Alemanha reunificada

Desintegração da URSS (1991)

A partir da segunda metade da década de 1980, como vimos, o modelo soviético dava sinais de crise. As reformas sugeridas pelo então líder, Mikhail Gorbachev, conhecidas como Perestroika e Glasnost, não tiveram êxito em seu objetivo, que era tornar mais flexível a economia soviética sem, contudo, abandonar o comunismo e o modelo de controle estatal da economia e das relações sociais.

A partir da segunda metade da década de 1980, como vimos, o modelo soviético dava sinais de crise. As reformas sugeridas pelo então líder, Mikhail Gorbachev, conhecidas como Perestroika e Glasnost, não tiveram êxito em seu objetivo, que era tornar mais flexível a economia soviética sem, contudo, abandonar o comunismo e o modelo de controle estatal da economia e das relações sociais. Em 1989, diversos protestos foram realizados exigindo a reunificação do país. Em 9 de novembro de 1989, cidadãos das duas partes de Berlim derrubaram várias partes do muro que dividia a cidade em um gesto que clamava por liberdade e que encerrava, simbolicamente, a Guerra Fria. A reunificação da Alemanha foi formalizada em 3 de outubro de 1990 e o processo de abertura total das fronteiras concluído em 1º de julho de 1991.

América Latina no Século XX

México



A Revolução Mexicana é considerada um dos primeiros grandes movimentos sociais ocorridos no século XX. Diversas camadas da sociedade, como a burguesia e os camponeses, estavam insatisfeitas com a ditadura de Porfírio Diaz, que já vigorava há mais de 30 anos. Com características diversas, como o anti-latifundiário e anti-imperialista, a revolução vai comportar uma série de ideologias, como o anarquismo, o liberalismo e o socialismo.

Antecedentes

Alguns anos após sua independência, o México viveu em uma ditadura sob a liderança do caudilho Porfírio Diaz, que governou por quase 35 anos. Durante o seu governo, conhecido também com “**porfiriato**”, houve uma expressiva modernização da sociedade mexicana. Nesse período, o México se tornou um país com elevadas taxas de crescimento econômico e suas exportações cresceram exponencialmente. Contudo, esse desenvolvimento foi viabilizado via investimentos e empréstimos estrangeiros, o que vai fazer com que eles dominem boa parte dos setores estratégicos do país, como a exploração de petróleo.

Essa forte “presença” estrangeira no país vai causar um descontentamento nas classes médias e altas que viam as riquezas do país indo para o exterior. Esse crescimento econômico ocorreu de forma desigual, e por isso, juntamente com ele, cresceu a **desigualdade social**. A condição de vida da população pobre e, sobretudo indígena, era precária. Com a Promulgação da **Lei dos Baldios** (1893 – 1902) passou-se a exigir um documento para a comprovação de posse de terra, como os indígenas não possuíam tal documento, o governo confiscava essas terras sem indenizar essas populações. Essas expropriações levaram a uma distribuição desproporcional de terras, concentrando sua posse nas mãos de latifundiários, enquanto a maioria da população ficou sem acesso a elas ou perderam seu direito sobre elas.

Somando-se a isso, no âmbito político, cresciam as insatisfações com o regime antidemocrático de Porfírio Diaz, que se reelegeu sete vezes consecutivas. Suas eleições eram marcadas por acusações de **fraudes eleitorais**, controle do aparato eleitoral e medidas corruptas a fim de se manter no poder. Como se tratava de um governo ditatorial, ainda havia a importante questão da repressão e censura a população por parte do governo. Toda essa situação vai se agravar com a crise econômica que o país vai enfrentar no início do século XX.

Movimento revolucionário

Em 1910 acabava mais um mandato do então presidente, com as relações extremamente desgastadas ele havia dito que não tentaria a reeleição.

Contudo, ao perceber uma movimentação política de seus opositores, Porfírio resolve voltar atrás e disputar as eleições contra **Francisco Madero**.

Diaz enfrentou uma forte oposição que trazia a promessa de novos ventos para o país e que possuía o apoio do campesinato. No entanto, não foi nada fácil acabar com o porfiriato: temendo a derrota, o ditador prendeu o seu opositor e mais uma vez se reelegeu.

Não aceitando a derrota por acreditar que o presidente havia fraudado as eleições, Madero foge da cadeia e parte para os Estados Unidos onde vai proclamar o **Plano de San Luís Potosí**. O plano consistia na convocação do povo mexicano para pegar em armas e lutar contra a posse de Porfírio Diaz.

Os camponeses que já estavam descontentes com a política direcionada a eles, organizaram um movimento armado com o lema **Tierra y libertad**. Liderados por **Pancho Villa e Emiliano Zapata**, pegaram em armas e ajudaram a derrubar Diaz para colocar Madero no poder. Entretanto, quando Francisco Madero chegou a presidência, ignorou a principal reivindicação camponesa e a sua principal promessa de campanha, a **reforma agrária**, o que acabou gerando indignação entre os trabalhadores rurais.

Zapatismo e a Reviravolta

Descontentes com Madero que não havia cumprido suas promessas eleitorais, uma boa parte da população vai se voltar contra o presidente. É nesse contexto que Emiliano Zapata lançou o **Plano de Ayla**. Polêmico, o projeto defendia uma reforma agrária imediata com a expropriação de 1/3 dos latifúndios e propunha

que essa terra fosse distribuída entre a população, especialmente entre os indígenas. Além disso, defendia o confisco de bens daqueles que não apoiassem a reforma agrária e uma série de iniciativas que viabilizassem a produção agrária nos territórios confiscados.

Contudo, como toda boa novela, vai ocorrer uma reviravolta na revolução mexicana: Madero, que estava cada vez mais pressionado, foi assassinado em 1913 por General Huerta que assumiu o poder. **Zapata e Pancho Villa**, que eram oposição, se aliaram a Venustiano Carranza promovendo um movimento em defesa da constituição. Sem muito apoio, inclusive dos EUA que interviam constantemente na região a fim de defender seus interesses, Huerta decide entregar o poder.

Carranza ascende ao poder e passa a ocupar o cargo de presidente em 1916. Convocando uma Assembleia Constituinte, promulga uma nova constituição mexicana em 1917. Entretanto, as reivindicações tanto dos camponeses quanto de Pancho Villa e Emiliano Zapata são praticamente esquecidas no novo documento que sancionou a separação entre o Estado e a Igreja e o direito a propriedade privada. O documento sancionou algumas leis trabalhistas importantes e a nacionalização do solo e subsolo mexicano, mas não promoveu a principal reivindicação do campesinato: **a reforma agrária**.

Argentina

Durante o século XX a América Latina vai passar por diversas fases em comum, como os governos populistas e as ditaduras. A Argentina não vai ficar de fora desse padrão, sendo palco de importantes movimentos políticos e sociais, principalmente após a Segunda Guerra Mundial. O país vai passar por momentos políticos conturbados, marcado por **diversos golpes militares**, durante o século citado, que tinham a intenção de barrar seja o aumento da participação popular ou a suposta ameaça do comunismo.

O final do século XIX e o início do século XX foi marcado por um período de prosperidade econômica, principalmente na sua capital Buenos Aires, conhecida como **Belle Époque Argentina**. O país era um grande produtor agrícola e pecuário com relações comerciais com a Europa, principalmente, com a Inglaterra. Seus índices de crescimento econômico, social e cultural durante o período levou ao que ficou conhecido como “A Era de Ouro” argentina. Mas o panorama se modificou com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, a crise de 1929 e a subida de um regime ditatorial ao poder.

Com diversos golpes militares em sua história, a década de 1930 será conhecida como a **Década Infame**. Iniciado com um golpe militar, o período será marcado por uma série de fraudes eleitorais, forte repressão aos opositores do regime e grande corrupção. Inserido no contexto da Crise de 29, o país ainda será palco de um intenso êxodo rural e um investimento forçado de industrialização devido às novas demandas provenientes da crise econômica mundial. A década histórica vai acabar com um novo golpe militar e a ascensão do grupo **GOU - Grupo de Oficiais Unidos** - ao poder.

Ascensão do Populismo

Em 1943 ascende ao poder através de um golpe militar o grupo GOU - Grupo de Oficiais Unidos, composto por uma união entre **conservadorismo, militarismo e catolicismo**. O novo governo foi marcado por uma forte repressão e perseguição aos seus opositores. Como o resto da América Latina, o perigo que rondava a todos eram os ideais comunistas que precisavam ter seus focos eliminados. E assim se propagou uma série de ataques a instituições educacionais, a intelectuais, sindicatos e movimentos populares com a desculpa de garantir a ordem social.

É dentro desse panorama que **Juan Domingo Perón** surge ocupando importantes cargos dentro desse governo. Com uma política de aproximação com os sindicatos e com os trabalhadores, Perón vai conseguir importantes avanços nos direitos trabalhistas e garantir o apoio do proletariado em torno da sua figura. Sua rápida ascensão e popularidade levaram a uma preocupação por parte das elites que o retiraram do cargo e o prenderam em 1945. Contudo, o tiro vai sair pela culatra porque a população, principalmente o proletariado e os sindicatos, tomou as ruas em apoio a Perón e exigiu sua libertação.

Peronismo

Juan Domingos Perón foi eleito presidente em 1946 e posteriormente reeleito em 1951 e mais a frente em 1973. Implantou um programa social apoiado pelo **Partido Justicialista** criado por ele, também conhecido como Partido Peronista. Foi um presidente populista de caráter **nacionalista** e também paternalista. Aproveitando que a Argentina vivia um cenário econômico favorável, Perón contou com o apoio operário para aplicar seu modelo governamental. Junto de sua esposa Evita Perón, enquanto esteve à frente do governo, intensificou o controle do Estado sobre a economia, nacionalizando vários setores (indústria, transporte, energia).

Governando através da dicotomia entre o **populismo** e o **autoritarismo**, almejava um crescimento econômico e o estabelecimento da soberania nacional. No âmbito socioeconômico, aumentou os salários, criou mais empregos e ampliou os direitos trabalhistas argentinos. Promoveu a ampliação da malha ferroviária e do sistema de saneamento básico, além disso, investiu na ampliação e na melhoria do sistema educacional e do sistema de saúde argentino.

Comparado ao “Varguismo” no Brasil, exercia controle sobre os **sindicatos** com intuito de evitar manifestações contrárias ao seu governo e utilizava a propaganda como forma de popularizar sua imagem. Promoveu a censura em diversos espaços e instituições, especialmente a partir do seu segundo mandato aumentou o fluxo das medidas autoritárias. Somado a isso, a crescente inflação a partir de 1951 vai fazer com que Perón perca o apoio de importantes organizações e que a oposição ao seu governo aumente.

Junto com seu marido, Evita Perón foi de suma importância para a popularização do governo peronista. Sua atuação junto aos sindicatos já acontecia antes mesmo de Perón chegar ao poder, foi Evita que comandou as manifestações a favor da liberdade de Juan em 1945. Já como primeira-dama, atuava junto aos sindicatos e promoveu uma série de campanhas em defesa dos direitos das mulheres.

O sufrágio feminino foi aprovado durante o governo Perón, assim como a igualdade jurídica entre homens e mulheres. Inaugurou em 1948 a Fundação Eva Perón, onde prestava assistência a população mais pobre do país, conhecida como “os descamisados”. Evita veio a falecer em 1953 de um câncer cervical.

Golpe Militar

No seu segundo mandato (1951 -1955), Perón começa a perder parte de sua base de apoio. As Forças Armadas que até então eram aliadas do presidente, começam a se opor ao seu governo quando ele começa a negociar com empresas estrangeiras a cerca da exploração do petróleo. Outra instituição que também vai retirar seu apoio a Perón é a Igreja Católica, que vai ver como uma ofensa a revogação da lei que obrigava o ensino católico nas escolas e a promulgação de uma nova lei que promove a separação entre a Igreja e o Estado.

A partir de 1953 a oposição começa a utilizar mão do terrorismo para tirar o então presidente do poder. No mesmo ano, Perón vai sofrer um atentado a bomba evidenciando o caráter radical da oposição. Em 1955, devido às conspirações, o presidente declarou Estado de Guerra. Logo em seguida, a Casa Rosada (residência oficial do presidente argentino) sofreu um atentado onde mais de 300 pessoas morreram.

Ainda em 1955, ocorre um novo atentado com o apoio de comandos civis revolucionários, que combateram as tropas leais ao presidente Perón em Alta Córdoba e mantiveram grupos armados em diferentes pontos do país, ocupando edifícios públicos. É o fim do governo peronista. Perón é deposto e vai se exilar na Espanha. Após a sua saída, Eduardo Lonardi nomeia a si mesmo como Presidente Provisório da Nação

Retorno de Perón

Juan Perón volta a Argentina em 1972 e logo no ano seguinte concorre as eleições após a renúncia de Héctor Cámpora. É reeleito, contudo não chega a governar por tanto tempo porque morre logo no ano seguinte, 1974. Como sua esposa, Isabelita Perón, era sua vice-presidente ela assume o cargo após a sua morte. Entretanto, Isabelita também não vai governar por muito tempo, pois apenas dois anos depois (1976) uma junta militar se reúne e dá um novo golpe militar no país.

Ditadura Civil-Militar

A deposição de Isabelita não passou de um golpe chefiada por uma junta militar composta pelos chefes das principais forças militares argentinas. Novamente o país entrava em uma ditadura militar depois de apenas três anos de um governo democrático. Esse foi o último regime ditatorial no país e fé reconhecidos pela sua violência e crueldade com os opositores. Alguns historiadores acreditam que ela começou na verdade com a deposição de Perón em 1955 e apenas passou por uma interrupção em 1973.O novo governo contou com o apoio de parte da população, principalmente das elites que após a Revolução Cubana viram

a ameaça socialista tomar forma no continente americano, não se pode esquecer que nesse momento o mundo estava vivendo a Guerra Fria. O medo do retorno de governos de caráter populista também rondava o país, então a intervenção militar foi defendida como forma de garantir a ordem. Além disso, a grave crise econômica, política e social do país foram fatores importantes para justificar e legitimar o golpe. Afirmando que o país passava por um Processo de Reorganização Nacional, os militares iniciaram um rápido processo de caça aos opositores do regime que ficou conhecido como, Guerra Suja. Diversas pessoas foram sequestradas e levadas para o que ficou conhecido como “os centros clandestinos de detenção”, chegando lá passavam por procedimentos de tortura até serem assassinados. Uma das formas mais comuns de eliminar esses corpos era jogando-os ao mar, o que fazia com que eles não fossem encontrados. Outra prática muito comum era o sequestro de bebês de pais considerados “subversivos”, seus filhos eram levados de dentro de suas casas ou então de dentro do cárcere (casos de mulheres que foram presas grávidas). Estima-se que mais de 30 mil pessoas tenham desaparecido ou sido mortas durante a ditadura argentina. O aparelho repressivo foi tão brutal que deu início a um movimento chamado Mães da Praça de Maio em 1977. Essas mães promoviam passeatas para pressionar o governo sobre os desaparecimentos de seus filhos e denunciar as ações cometidas contra os direitos humanos pelos militares argentinos. Muitas dessas mulheres foram perseguidas e mortas pelo regime. Ainda hoje o grupo atua tentando encontrar as crianças vitima de sequestros e que foram adotadas por outras famílias. Atualmente o grupo conta com a participação das Avós da Praça de Maio.

Guerra das Maldivas

Os militares que já vinham perdendo prestígio dentro do país decidem entrar em guerra para disputar o território das Ilhas Maldivas contra o Reino Unido em 1982. A invasão também seria uma forma de unir a população e fazer com que ela “esquecesse” as críticas ao regime e pelo interesse antigo de ocupar a ilha tão próxima do seu território. A Inglaterra respondeu rapidamente a invasão argentina ao seu território e impôs uma derrota expressiva ao país e aos militares em menos de dois meses. O que já não ia bem, vai ficar pior ainda. Envoltos em uma crise econômica e sendo cada vez mais questionados devido aos crimes cometidos contra aos direitos humanos, a derrota ajudou a pôr fim ao regime militar na Argentina.

Chile

A via chilena para o socialismo

Em fevereiro de 1956, o Secretário-Geral soviético Nikita Krushev realizou um poderoso discurso no 20º Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) denunciando as atrocidades de Josef Stálin.

A partir de então, o autoritarismo da antiga liderança soviética, assim como os crimes contra os direitos humanos e as políticas soviéticas levantaram um novo debate sobre o socialismo. A partir deste novo cenário de denúncias e críticas, militantes comunistas ao redor do mundo inteiro passaram a questionar a realidade soviética. Afinal, seria possível a construção do socialismo por uma via diferente a da revolução? Seria possível um socialismo pacífico e democrático, oposto ao que foi praticado pelo stalinismo?

Neste cenário de debates, diversos intelectuais lançaram novas ideias e propostas socialistas, afastando-se definitivamente da URSS e dos Partidos Comunistas. Através desse processo, surgiu ao redor do mundo, na década de 1960, uma corrente conhecida como New Left, com propostas de um socialismo mais democrático, pacífico e preocupado com os problemas das identidades de gênero, raça, sexualidade e nação.

No caso da América Latina, a construção de uma nova esquerda durante a década de 1960 e 1970 foi dificultada, sobretudo pelo surgimento de ditaduras militares. Afinal, o sucesso da Revolução Cubana amedrontou o bloco capitalista e novas revoluções ou movimentos sociais deveriam ser evitados. Assim, neste contexto que, em 1970, no Chile, o socialismo surge. Entretanto, diferente da experiência cubana e soviética, o socialismo surge neste país por vias democráticas, através de eleições, em um projeto conhecido como a “via chilena para o socialismo”.

Nas palavras de Allende: “Queremos construir o socialismo com democracia e liberdade, com sabor de vinho tinto e cheiro de empanada”.

Após 3 eleições sem sucesso (1952, 1958 e 1964), sofrendo derrotas para candidatos conservadores como Eduardo Frei (que contou com apoio financeiro e midiático dos E.U.A), o candidato da Unidade Popular, Salvador Allende, finalmente foi eleito em 1970. Com apenas 36,4% dos votos, Salvador Allende foi eleito presidente do Chile, reascendendo na América a preocupação americana quanto a um novo foco socialista. Um socialismo de via diferente da proposta por Cuba e U.R.S.S, mas, que na atuação política e econômica poderia se mostrar revolucionário.

O governo de Salvador Allende

Dando continuidade ao projeto da via chilena, Salvador Allende pretendia uma transição pacífica do capitalismo para o socialismo. Em pouco tempo, o novo presidente nacionalizou bancos e estatizou importantes minas de cobre, salitre e carvão, siderúrgicas, empresas de telecomunicações, as ferrovias, a exploração de petróleo e a produção de energia elétrica, chegando a manter 60% da economia sob controle do Estado. Outros projetos ainda eram debatidos e desenvolvidos, como a nacionalização de outros serviços essenciais e a reforma agrária.

Nas questões políticas, a via chilena também representou a conquista de maiores direitos aos trabalhadores e até mesmo um inicial aumento salarial. A prometida liberdade e respeito aos direitos humanos era garantida pelo novo governo.

Apesar das mudanças sociais do novo governo, a partir de 1972, os resultados foram diferentes do planejado. Com a queda do preço do cobre, principal produto exportado pelos chilenos, e o crescimento da inflação, a crise econômica se agravou.

Neste cenário, apesar de Allende defender uma política de não-alinhamento e a não dependência à URSS, acabou precisando do apoio soviético. Tendo em vista que no contexto de Guerra Fria o bloco capitalista não permitia o surgimento de um novo regime socialista, Allende se viu cercado por seus opositores e pelo apoio da CIA aos seus rivais.

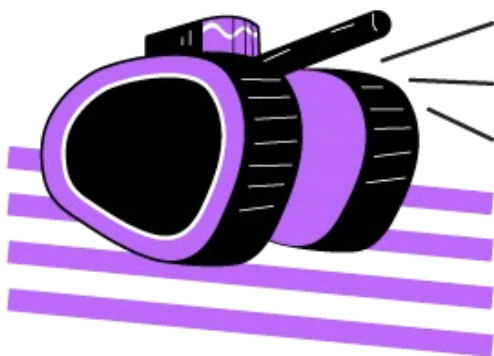
Assim, por um lado, o presidente Nixon aprovava medidas de embargo ao Chile e enviava dinheiro e soldados para o país, apoiando grupos opositores como o Patria y Libertad e o jornal El Mercurio. Por outro lado, a U.R.S.S também encaminhava orientações e apoio financeiro para garantir Allende no poder, tornando o Chile um cenário típico da Guerra Fria.

Ainda que o apoio soviético existisse, o imperialismo norte-americano, no entanto, conseguiu maior objetividade no combate a Salvador Allende. Através de diversas manobras da elite chilena, articuladas com o presidente Nixon e com a C.I.A, a economia chilena foi sufocada. Um dos eventos mais importantes que impactaram essa estagnação econômica teria sido uma greve dos caminhoneiros em 1973. Durante 26 dias, milhares de caminhoneiros pararam no país, influenciando ainda outras classes ao movimento grevista. O ato dos caminhoneiros, apoiado por lideranças do grupo Patria y Libertad causou sérios prejuízos financeiros ao país.

Estima-se que neste período, a inflação chilena chegou a crescer de 22,1% em 1971 para 163,4% em 1972 e 381,1% em 1973. Essa atmosfera caótica, a pressão da elite empresarial, da CIA e até mesmo de grupos de esquerda mais radicais, como o Movimento de Esquerda Revolucionária (MIR) colocou em xeque o governo de Allende.

O golpe de Augusto Pinochet e a ditadura chilena

Em toda a história chilena, a participação militar na política sempre foi tímida, diferente de países como Brasil, que vivia então uma ditadura militar. No entanto, a crise deflagrada durante o governo Allende, o temor ao socialismo e o apoio dos E.U.A levaram a ala militar a uma nova estratégia. Em setembro, pressionado pela ala militar, o General Prats, grande defensor da Constituição e importante nome na defesa contra tentativas de golpes, renunciou ao cargo de comandante em Chefe das Forças Armadas. Para o seu lugar, Allende indicou o General Augusto Pinochet.



Não demorou muito para que no dia 11 de setembro, Pinochet iniciasse um movimento golpista em Santiago. Na manhã deste dia, militares cercaram diversos complexos industriais e com apoio aéreo norte-americano invadiram o Palácio La Moneda. Allende, sempre um defensor do pacifismo, decidiu não apoiar uma revolução armada ou uma guerra civil. Visto isso, os aviões bombardearam o palácio, mesmo com o presidente em seu interior, que acabou assassinado pelo golpe de Estado mais sangrento da história do país.

Terminava assim o governo socialista de Salvador Allende e começava, enfim, a ditadura de Augusto Pinochet. Os 17 anos de governo Pinochet se tornou um movimento contra-revolucionário. Assim como as ditaduras no Brasil e na Argentina, com apoio norte-americano, visou derrotar a ameaça socialista no país e na América e garantir a permanência do capitalismo. Entretanto, para garantir esse cenário, Pinochet transformou o país em uma ditadura que promoveu a perseguição, exílio e assassinato de milhares de pessoas. Estima-se que o regime tenha assassinado aproximadamente 3.000 pessoas e forçado cerca de 200.000 ao exílio, além outros de milhares de torturados. Apesar de um plano político extremamente conservador, com intervenções arbitrárias do Estado, no plano econômico, houve uma forte adoção das teorias **neoliberais**. Formado por um grupo de economistas conhecidos como os “**chicago boys**”, o governo de Pinochet desestruturou toda a formação socialista de Allende para um capitalismo de livre mercado. Apesar do desenvolvimento econômico do período, o legado da política neoliberal para o país foi a criação de um abismo social que atinge até hoje o país.

Durante a década de 1980, a imprensa internacional e associações de Direitos Humanos, inclusive norte-americanas, passaram a denunciar os crimes do ditador. Suas práticas violentas, as perseguições, torturas e mortes estamparam capas de jornais no mundo inteiro. Essa pressão internacional, somada a insatisfação popular no país levou Pinochet a realizar, em 1988, um referendo popular que decidiria a continuidade do seu governo. A grandiosa campanha do “No” conquistou a vitória na eleição, enfim levando ao fim, em 1988 a ditadura chilena, que voltou a encontrar eleições em 1989 e se redemocratizar em 1990. Pinochet, assim, abandonou a presidência, mas mantendo cargos como senador vitalício e comandante em chefe do exército chileno até 1998, quando foi preso acusado de corrupção e crimes contra a humanidade.

Nicarágua

A ditadura da família Somoza

Para entender a história da Nicarágua durante o século XX, é necessário falar da família Somoza. Entre 1936 e 1979, os Somozas dominaram a política nicaraguense com uma ditadura hereditária apoiada pelo governo dos Estados Unidos.

Inicialmente, Anastasio Somoza García, o Tacho, foi eleito presidente em 1936, pelo Partido Nacionalista Liberal. Apesar de ter representado no passado os ideais liberais, ao assumir a presidência, reformou a Constituição e lançou parentes

e militares nos principais cargos públicos, iniciando, assim, uma ditadura no país. Além disso, a família se apropriou de diversas terras férteis do país, levando a ideia de que a Nicarágua era o “feudo” dos Somozas.

Em 1944 chegou a abrir mão do poder por pressões americanas, no entanto, com apoio da Guarda Nacional, articulou um golpe de Estado que o colocou outra vez no poder. Desta forma, com manobras políticas, golpes e fraudes eleitorais, Tacho permaneceu no poder até 1956, quando foi assassinado. Apesar da morte de Somoza, seu filho mais velho, Luis Anatasio Somoza Debayle se tornou o novo presidente do país, colocando seu irmão mais jovem, Anastasio Somoza Debayle, o Tachito, na liderança da Guarda Nacional. O primogênito Somoza governou a Nicarágua até 1963, deixando o poder, mas mantendo seus aliados na presidência como marionetes políticas.

Luis Somoza morreu em 1967, no entanto, a família permaneceu no poder graças a Tachito, o filho mais novo e terceiro presidente dos Somozas. Entre 1967 e 1979, governou a Nicarágua mantendo práticas muito parecidas com a de seus antecessores, como a corrupção generalizada, a perseguição política, tortura e prisões arbitrárias. A luta de Somoza contra a esquerda nicaraguense rendeu, inclusive, apoio dos Estados Unidos, que temia a influência cubana e soviética sobre o país.

Anastasio Somoza governou o país até 1979, quando renunciou à presidência pressionado pelo movimento revolucionário sandinista do país. Tachito, portanto, foi o último dos Somozas na presidência, encerrando, enfim, uma dinastia de 43 anos.

A Revolução Sandinista na Nicarágua

Desde o século XIX, os E.U.A realizaram diversas investidas imperialistas na América Central, buscando sempre garantir seus interesses econômicos na região. Após a segunda guerra mundial e com o início da perseguição comunista, essa política intervencionista ganhou novos propósitos, ainda mais violentos.

Assim, no caso da Nicarágua, no início do XX, o interesse norte-americano estava na construção de canais e na apropriação de territórios e posteriormente, como visto, concentrou-se na luta contra o socialismo. Logo, no primeiro momento, destacou-se neste país o ativismo de Augusto **César Sandino**. Crítico ao imperialismo norte-americano em seu país, Sandino engajou-se, a partir de 1926, em uma luta armada contra os soldados americanos e contra os regimes apoiados pelo norte.

Sandino logo se tornou um importante símbolo de luta e resistência no país, sendo, inclusive, muito perseguido. Neste contexto, portanto, Sandino acabou sendo assassinado em 1934, pela Guarda Nacional, então comandada por Anastasio Somoza García.

A imagem de Sandino, após seu assassinato, tornou-se definitivamente um símbolo de luta no país. Assim, em 1961, Sandino serviu como inspiração para um novo grupo revolucionário, que mantinha ideologias e táticas da guerrilha sandinista, a chamada Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN).

A nova aliança revolucionária surgia sob forte inspiração dos revolucionários cubanos, mantendo uma visão marxista e contando com a grande participação

de cristãos, que passaram a defender ideias como a da Teologia da Libertação. Logo, a FSLN se tornou a principal frente de luta contra os Somozas e contra o imperialismo. Vale destacar que as décadas de 1960 e 1970 foram marcadas por diversos movimentos revolucionários ao redor do mundo. Na Europa, eventos como os de 1968 levaram estudantes às ruas, nos Estados Unidos, o movimento Hippie contestou o autoritarismo do governo e a Guerra do Vietnã, na África, os movimentos de libertação nacional conquistavam espaço e, na América do Sul, diversos guerrilheiros iniciavam suas lutas contra as ditaduras militares.

No caso da Nicarágua, não foi diferente, a luta teve início na década de 1960, mas se aprofundou a partir de 1978, com a morte do jornalista Pedro Joaquim Chamorro. Em 1979 a guerrilha sandinista conseguiu tomar a capital e o Palácio Nacional de Manágua. Somoza é exilado e, em seu lugar, assume o poder a Junta de Governo de Reconstrução Nacional.

O sandinista Daniel Ortega se tornou o coordenador da Junta e, em 1984, acabou sendo eleito o novo presidente da Nicarágua. O governo sandinista foi marcado ainda pela continuidade dos conflitos, visto que forças defensoras de Somoza e influenciadas pelos E.U.A ainda desejavam retomar o poder. Os chamados “contras” eram vários grupos rebeldes que se opunham ao sandinismo e ajudaram a desgastar o governo revolucionário. No entanto, os Sandinistas ainda conseguiram realizar grandes reformas políticas e econômicas no país, como a própria reforma agrária e a reforma educacional.

Através da grande Cruzada Nacional de Alfabetización, apoiada pelo educador brasileiro Paulo Freire e inspirada em seus métodos, a Nicarágua conseguiu, em 5 meses, reduzir as taxas de analfabetismo de 50,2% para 12,9%.

Cuba

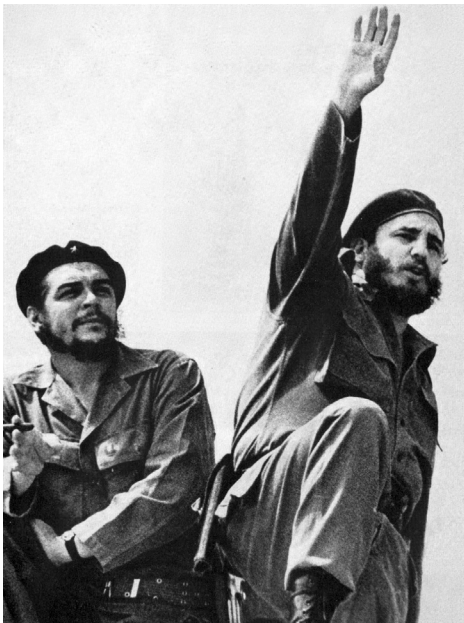
Revolução Cubana

Fulgêncio Batista assume a presidência de Cuba e instaura uma severa ditadura militar com forte repressão à imprensa e promove uma intensa perseguição a movimentos de oposição. Além disso, seu governo apoiava a influência norte americana na ilha desagradando a população que cada vez mais via crescer o sentimento contra a presença dos EUA. Insatisfeitos com esse cenário social cubano, em 1953 foi organizado o **ataque ao Quartel de Moncada**, na cidade de Santiago.

A incursão marcou o início das lutas nacionalistas contra a presença de Batista no poder e a influência estadunidense na ilha. A intenção era realizar a tomada das armas que permitiriam dar início ao processo revolucionário. Contudo, o ataque não obteve sucesso e seus principais líderes foram presos, como exemplo podemos citar Fidel Castro que foi condenado a 15 anos de prisão. Apenas algum tempo depois, Fidel foi anistiado por Fulgêncio e se exilou no México junto com seu irmão, Raul Castro. O líder vai lançar o **Movimento de 26 de julho** (o nome era uma referência ao dia do atentado no Quartel de Moncada) com o intuito de combater o presidente em exercício.

Já no México, organizou um grupo de 81 homens que se preparavam para uma nova tentativa de golpe, entre eles Ernesto “Che” Guevara e Camilo Cienfuegos. Entretanto, novamente foram derrotados, restando apenas 12 homens que se reuniram na região de Sierra Maestra. A partir daí, passaram a atuar como uma guerrilha com o apoio da população local que aderiu aos ideais dos rebeldes que já eram bem populares.

Atuando através de pequenos ataques, foram conquistando vitórias sobre as tropas do exército cubano que progressivamente foi se enfraquecendo, enquanto o movimento ganhava cada vez mais adesão popular. Atuando em várias frentes, os líderes da revolução chegam a Havana. Fulgêncio Batista que vinha perdendo sua base de apoio, se assusta com a ofensiva dos guerrilheiros e decide abandonar o governo se exilando na República Dominicana.



Che Guevara
e Fidel Castro

O Novo Governo

A saída do presidente significou a vitória da revolução nacionalista e o país entra em um momento de reorganização política. É preciso pontuar que a princípio não havia uma autoproclamação por parte dos rebeldes como socialista ou comunista. Logo em seguida, Fidel Castro é indicado ao cargo de primeiro-ministro de Cuba. Nesse primeiro momento foram tomadas uma série de medidas para conter aqueles que eram contrários a revolução e que antigos apoiadores de Fulgêncio. Uma série de pessoas foram afastadas de seus cargos, alguns exilados, outras foram presas e muitas foram mortas. Comandado por Che Guevara, existia a prática de fuzilamento das pessoas que eram condenadas por crimes de guerra, tais como: tortura e assassinado. Esse fato ficou conhecido popularmente como “El Paredón” referência a forma na qual essas mortes ocorriam.

As primeiras iniciativas do novo governo davam conta de melhorar a situação da população cubana e uma série de reformas foram postas em prática logo no ano de 1961, como: nacionalização dos bancos e empresas estrangeiras, reforma agrária e um projeto de alfabetização. Todas essas modificações buscavam

atender ao interesse do povo cubano e ao mesmo tempo retomar as riquezas cubanas das mãos estrangeiras, principalmente dos EUA.

Política externa

Descontentes com os rumos que a revolução tomou após sua vitória, os Estados Unidos viu que seus interesses na ilha estavam ameaçados e decidiu romper relações diplomáticas com Cuba. Logo em seguida, a Central de Inteligência do país, a CIA, vai orquestrar conjuntamente com exilados cubanos um ataque ao país visando derrubar Fidel Castro. Eles tentaram invadir a ilha desembarcando na Baía dos Porcos, contudo a missão falhou porque a população apoiou massivamente o novo governo.



Toda essa movimentação serviu para aproximar Cuba as relações com a URSS e consolidar a revolução no país. Fidel intensificou o processo de nacionalização da economia cubana. Em 1962 Cuba foi expulsa da OEA (Organização dos Estados Americanos) durante a Conferência de Punta Del Leste e os EUA impuseram um embargo econômico ao país. Com uma relação já desgastada com os norte-americanos e uma aproximação cada vez maior da União Soviética – através de contratos comerciais, por exemplo – Cuba vai se alinhar oficialmente ao bloco socialista.

7. PORTUGUÊS

Gêneros textuais

Neste material, estudaremos as características dos principais gêneros textuais cobrados nos vestibulares e que utilizamos no nosso cotidiano.

Gêneros narrativos

Antes de falarmos sobre os gêneros textuais que seguem uma tipologia narrativa, é importante falarmos sobre essa estrutura textual. A narração é um tipo textual, também conhecido como modo de organização do discurso. Essa classificação tem como objetivo indicar as características presentes nesses textos, por exemplo, a estrutura, as construções frasais, a linguagem, o vocabulário, os tempos verbais, as relações lógicas de ideias e o modo de interação com o leitor. Um texto narrativo, portanto, tem como objetivo contar uma história a partir de uma sequência de ações.

Os textos que seguem uma tipologia narrativa possuem características em comum, são elas:

O foco narrativo

- **Narrador em 1ª pessoa:** No narrador-personagem. A narrativa é vista de dentro para fora, de acordo com as perspectivas do personagem, que é caracterizado, também, por meio das relações que faz, da linguagem que usa e de suas experiências.
- **Narrador em 3ª pessoa:** Narrador-observador. Ele conhece todos os elementos da narrativa, dominando e controlando o modo de pensar dos personagens. Não há reconhecimento nem revelação de todo o ambiente por parte de quem narra e isso mantém o mistério e dá um certo limite ao leitor, além de não se intrometer muito na história.

Os tipos de discurso

Discurso direto

Dá voz à personagem. Confere mais rapidez e dinamismo à narrativa. Possui enunciado em 1ª ou 2ª pessoa.

Exemplo:

“– Por que veio tão tarde? perguntou-lhe Sofia, logo que apareceu à porta do jardim, em Santa Teresa.

– Depois do almoço, que acabou às duas horas, estive arranjando uns papéis. Mas não é tão tarde assim, continuou Rubião, vendo o relógio; são quatro horas e meia.

– Sempre é tarde para os amigos, replicou Sofia, em ar de censura.”

(trecho do livro “Quincas Borba” de Machado de Assis)

Discurso indireto

A fala do personagem passa a ter a voz do narrador. É ele quem reproduz a fala do personagem. Possui enunciado em 3ª pessoa.

Exemplo:

“Fora preso pela manhã, logo ao erguer-se da cama, e, pelo cálculo aproximado do tempo, pois estava sem relógio e mesmo se o tivesse não poderia consultá-la à fraca luz da masmorra, imaginava podiam ser onze horas.”

(trecho do livro “Triste Fim de Policarpo Quaresma” de Lima Barreto)

Discurso indireto livre

Há a mescla das vozes do personagem e do narrador, o que pode ocasionar certa confusão ao leitor.

Exemplo:

“O marquês e D. Diogo, sentados no mesmo sofá, um com a sua chazada de inválido, outro com um copo de St. Emilion, a que aspirava o bouquet, falavam também de Gambetta. O marquês gostava de Gambetta: fora o único que durante a guerra mostrara ventos de homem; lá que tivesse «comido» ou que «quisesse comer» como diziam – não sabia nem lhe importava. Mas era teso! E o Sr. Grevy também lhe parecia um cidadão sério, ótimo para chefe de Estado...”

(Trecho de “Os Maias” de Eça de Queirós)

O enredo

É o conjunto de fatos que se desenrola na história, os acontecimentos, intrigas, encontros. O enredo é a própria narrativa. Em sua estrutura lógica podemos identificar:

- **Situação inicial:** Começo da história e apresentação dos personagens e suas características, espaço e tempo.

- **Complicação:** Ruptura do equilíbrio inicial, surgimento do conflito e encadeamento dos fatos da narrativa.
- **Clímax:** Ponto alto do conflito, resultante dos encontro de vários conflitos entre as personagens.
- **Desfecho:** Solução final dos conflitos. Assim como na situação inicial, há novamente um equilíbrio no texto.

O tempo

Responsável pelo ritmo rápido ou lento da narrativa. Podemos ter dois tipos de tempo: o cronológico (passagem normal do tempo) e o psicológico (narrativa reflexiva, por dentro da subjetividade do narrador).

O espaço

O espaço pode ser real ou virtual. O espaço é classificado como real quando está no mundo que nós conhecemos. Podemos pensar também que, por exemplo, o mundo dos elfos é real dentro do contexto em que está inserido, pois os eventos da sua história acontecem nele. O espaço psicológico (ou de fuga) é aquele que modifica a realidade do que é narrado, ou seja, são espaços fora da realidade mais palpável: fantasias, sonhos, imaginação.

ATENÇÃO!

Agora que você já sabe que a narração é um tipo textual, é importante destacar que essa estrutura pode ser encontrada em diferentes gêneros textuais. No entanto, os gêneros textuais são textos que possuem uma função social (objetivo/finalidade) em determinada situação comunicativa.

São exemplos de gêneros textuais que utilizam-se da tipologia narrativa:

- **Crônicas** – Narrativas curtas que costumam abordar temáticas cotidianas de maneira criativa. É comum que a linguagem seja simples. Além disso, normalmente, são publicadas em jornais, revistas e blogs.

Exemplo:

Inimigos

“O apelido de Maria Tereza, para Norberto, era ‘Quequinha’. Depois do casamento, sempre que queria contar para os outros uma de sua mulher, o Norberto pegava na sua mão, carinhosamente, e começava:

- Pois a Quequinha...

E a Quequinha, dengosa, protestava:

-Ora, Beto!

Com o passar do tempo o Norberto deixou de chamar a Maria Tereza de Quequinha. Se ela estivesse ao seu lado e ele quisesse se referir a ela, dizia:

-A mulher aqui...

Ou, às vezes:

-Esta mulherzinha...

Mas nunca mais Quequinha.

(O tempo, o tempo. O amor tem mil inimigos, mas o pior deles é o tempo. O tempo ataca o silêncio. O tempo usa armas químicas.)

Com o tempo, Norberto passou a tratar a mulher por Ela.

-Ela odeia o Charles Brason.

-Ah, não gosto mesmo.

Deve-se dizer que o Norberto, a esta altura, embora a chama-se de Ela, ainda usava um vago gesto de mão para indicá-la. Pior foi quando passou a dizer 'essa aí' e a apontava com o queixo.

- Essa aí...

E apontava com o queixo, até curvando a boca com um certo desdém.

(O tempo, o tempo. Tempo captura o amor e não o mata na hora. Vai tirando uma asa, depois cura)

Hoje, quando quer contar alguma coisa da mulher, O Norberto nem olha na direção. Faz um meneio de lado com a cabeça e diz:

- Aquilo..."

VERÍSSIMO, Luis Fernando. Novas comédias da vida privada.
Porto Alegre: L&PM, 1996.

- **Fábulas** – Narrativas curtas em que os personagens são animas que apresentam características humanas. Além disso, possuem caráter educativo e apresentam uma “moral”.

Exemplo:

A cigarra e a Formiga

A cada bela estação uma formiga incansável levava para sua casa os mais abundantes mantimentos: quando chegou o inverno, estava farta. Uma cigarra, que todo o verão levava a cantar, achou-se então na maior miséria. Quase a morrer de fome, veio esta, de mãos postas, suplicar à formiga lhe emprestasse um pouco do que lhe sobrava, prometendo pagar-lhe com o juro que quisesse. A formiga, que não é de gênio prestador; perguntou-lhe, pois, o que fizera no verão que não se precavera.
— No verão, cantei, o calor não me deixou trabalhar.
— Cantastes! tornou a formiga; pois agora dançai.

Disponível em: <https://www.culturagenial.com/fabulas-de-esopo/>

- **Romances** – Narrativas normalmente longas (em prosa), que contam uma história que gira em torno de personagens e seguem uma sequência temporal.
- **Contos** – Narrativas mais curtas que os romances, que, normalmente, giram em torno de menos personagens.

Exemplo:

Mineirinho

É, suponho que é em mim, como um dos representantes do nós, que devo procurar por que está doendo a morte de um facínora. E por que é que mais me adianta contar os treze tiros que mataram Mineirinho do que os seus crimes. Perguntei a minha cozinheira o que pensava sobre o assunto. Vi no seu rosto a pequena convulsão de um conflito, o mal-estar de não entender o que se sente, o de precisar traçar sensações contraditórias por não saber como harmonizá-las. Fatos irreduzíveis, mas revolta irreduzível também, a violenta paixão da revolta. Sentir-se dividido na própria perplexidade diante de não poder esquecer que Mineirinho era perigoso e já matara demais; e no entanto nós o queríamos vivo. A cozinheira se fechou um pouco, vendo-me talvez como a justiça que se vingava. Com alguma raiva de mim, que estava mexendo na sua alma, respondeu fria: “O que eu sinto não serve para se dizer. Quem não sabe que Mineirinho era criminoso? Mas tenho certeza de que ele se salvou e já entrou no céu”. Respondi-lhe que “mais do que muita gente que não matou”. Por que? No entanto a primeira lei, a que protege corpo e vida insubstituíveis, é a de que não matarás. Ela é a minha maior garantia: assim não me matam, porque eu não quero morrer, e assim não me deixam matar, porque ter matado será a escuridão para mim. (...)

(Clarice Lispector)

- **Novelas** – A novela está situada entre o conto e o romance, pois costuma ser uma narrativa menor que o romance e maior que o conto. Dentro da novela, é comum haver o desenvolvimento de vários enredos ao longo da narrativa. Ao contrário do romance, a novela segue um ritmo mais acelerado.

Textos jornalísticos

Os textos jornalísticos são veiculados com intuito de comunicar e informar sobre algo. A linguagem desses textos deve, em geral, ser objetiva, clara e imparcial, para que o leitor compreenda as informações mais relevantes sobre o tema. Em geral, o desenvolvimento textual responde às perguntas “O que?” (fato ocorrido), “Quem?” (pessoas envolvidas), “Quando?” (horário em que ocorreu o fato), “Onde” (local onde ocorreu o fato), “Como” (circunstância em que ocorreu o evento) e “Por quê?” (causa do fato). A função social dos textos de caráter informativo é informar o leitor sobre algo. São caracterizados pela presença da linguagem denotativa e pela organização das informações que são expostas de acordo com o enfoque definido pelo emissor e organização das fotos para complementarem o sentido do texto.

São exemplos de textos jornalísticos os seguintes gêneros textuais:

- **Notícia** – Apresenta um fato de forma simples e objetiva. É uma publicação imediata, com conteúdo válido a curto prazo, visto que o objetivo é informar de maneira rápida.

Exemplo:

Explosão em Beirute deixa mais de 100 mortos e 4 mil feridos

A suspeita é que a explosão aconteceu em um depósito de nitrato de amônio, um tipo de fertilizante, na zona portuária da capital libanesa.

Por G1

04/08/2020 12h25 · Atualizado há uma semana



- **Reportagem** - Apresenta um fato de forma aprofundada, questiona causas e efeitos de um fato determinado. Por ter um prazo maior de elaboração de conteúdo, é válido a longo prazo devido a sua apuração extensa dos acontecimentos.

Exemplo:

Explosão no Líbano: De onde veio e para onde ia nitrato de amônio que causou desastre em Beirute

Antes de ser deixado em um armazém no porto de Beirute por 6 anos, o nitrato de amônio que causou a explosão tinha um destino muito diferente.



Por BBC

07/08/2020 07h51 · Atualizado há 5 dias



Receita

O gênero textual receita apresenta duas características básicas: os ingredientes e o modo de preparo. Pertencente ao modo de organização textual injuntivo, tem por objetivo instruir alguém, ditando o passo a passo de algum procedimento.

ATENÇÃO!

As receitas médicas também se encaixam nesse grupo, já que apresentam a prescrição de um medicamento e/ou procedimentos de saúde com as informações de uso e recomendações. Normalmente, os verbos utilizados estão no modo imperativo (que expressa ordem, pedido, conselho), a linguagem é clara e objetiva.

Exemplo:

Suco de coco

Ingredientes (para quatro porções):

500 ml de água de coco verde*;

polpa de coco verde*;

1 colher de sopa de açúcar (opcional);

4 cubos de gelo.

* Ao comprar o coco, peça para o vendedor retirar a água e parti-lo ao meio.

Como fazer:

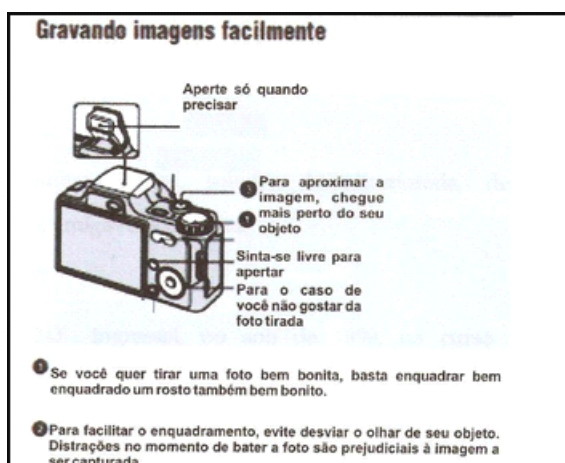
Coloque todos os ingredientes no liquidificador.

Bata bem até que fique um líquido branco e espumoso.

Manual

O manual é um gênero textual de cunho instrucional, que aparece no formato de livro, folheto e ou arquivo informativo, que ensina a montar, utilizar, operar determinada ação/objeto. Os verbos, assim como na receita, aparecem no modo imperativo. Em alguns equipamentos, o idioma do manual pode variar e as imagens também são empregadas nesse gênero para ilustrar e também para ajudar na compreensão.

Exemplo:



Bula de Remédio

Bula é o nome dado ao conjunto de informações sobre um medicamento que obrigatoriamente os laboratórios farmacêuticos devem acrescentar à embalagem de seus produtos vendidos no varejo. As informações podem ser direcionadas aos usuários dos medicamentos, aos profissionais de saúde ou a ambos. As informações encontradas nas bulas de medicamentos são, geralmente, divididas e organizadas segundo os tópicos:

- Nome do medicamento;
- Apresentação, formas ou formulações;
- Composição - Ingredientes e suas dosagens;
- Informações ao paciente - Cuidados de armazenamento, prazo de validade;
- Informações técnicas - Dados farmacológicos gerais sobre o medicamento
- Indicações;
- Contraindicações - Indicam condições em que o medicamento não deverá ser utilizado;
- Precauções - Cuidados a serem tomados durante o uso do medicamento;
- Interações - Dados sobre o uso concomitante com outras substâncias;
- Reações adversas - Efeitos colaterais possíveis ou esperados do medicamento;
- Posologia - Informações sobre a dosagem e os intervalos de administração;
- Superdosagem - Informações sobre o uso excessivo ou em altas doses.
- Conclusão
- Informações adicionais.

Exemplo:

Medicamento Anvisa®

Paracetamol

APRESENTAÇÕES
 Comprimidos revestidos de
 - 500 mg em embalagem com 20 ou 200 comprimidos.
 - 750 mg em embalagens com 20 ou 200 comprimidos.

USO ORAL
USO ADULTO ACIMA DE 12 ANOS

COMPOSIÇÃO
 Medicamento Anvisa® 500 mg:
 Cada comprimido revestido contém 500 mg de paracetamol.
 Excipientes: ácido estearico, amido pré-gelatinizado, hipromelose, macrogol e povidona.

Piada

Também conhecida como anedota, é um gênero textual humorístico que tem por objetivo provocar o riso. Normalmente, aparece na forma de um texto narrativo curto, de fácil memorização já que seu caráter é muito mais de oralidade a registro escrito.

Por exemplo:

O menino chega em casa no final do ano e diz:

— PAI, tenho uma notícia pra você!

— O que é? - pergunta o pai.

— Você não me prometeu uma bicicleta se eu passasse de ano????

— Sim, meu filho.

— Então se deu bem. Economizou um dinheirão.

Disponível em: <http://www.piadas.com.br/>

Aforismos

É um texto breve que enuncia uma regra, um pensamento, um princípio ou uma advertência. É um estilo de sentença que articula literatura e filosofia em que a percepção da vida, da sociedade, ou tudo que venha a ser objeto de pensamento, é realçado pela expressividade de uma mensagem verdadeira e concisa. Aforismo é qualquer forma de expressão sucinta de um pensamento moral. Do grego “aphorismus”, que significa “definição breve”, “sentença”. Alguns sinônimos de aforismos são: ditado, máxima, adágio, axioma, provérbio e sentença.

Exemplos:

“A vida é breve, a velhice é longa”.

“Seria cômico se não fosse trágico”.

“Rir é o melhor remédio”.

“Só percebemos o valor da água depois que a fonte seca”.

“O tempo dura bastante para aqueles que sabem aproveitá-lo”.

“Se você encontrar um caminho sem obstáculos, ele provavelmente não leva a lugar nenhum”.

Disponível em: <https://www.significados.com.br/aforismo/>

Propaganda

A função social do texto publicitário é persuadir o leitor, destacando determinadas qualidades de um objeto que tornem seu consumo atraente. Geralmente, a linguagem publicitária é utilizada para evidenciar as características reais do produto e suas características subjetivas. A principal função da linguagem presente em textos desse gênero é a apelativa (ou conativa). Suas principais características são:

- Uso de verbos no imperativo
- Presença de vocativos
- Pronomes de 2ª pessoa
- Interlocução

Exemplo:



Gênero ensaístico

É um gênero textual que transita entre o poético e o didático, no qual são expostas críticas, reflexões éticas e/ou filosóficas acerca de um determinado tema, obra. Nele, há, muitas vezes, a defesa de um ponto de vista pessoal obtido a partir de uma análise subjetiva feita pelo autor num fluxo natural de ideias, sendo muito solicitado no meio escolar e acadêmico.

Originalmente, o ensaio se divide em formal ou discursivo e informal ou comum. No formal, os textos são objetivos, metódicos e estruturados, dirigidos mais a assuntos didáticos, críticas oficiais, etc... Já o informal é mais subjetivo e caprichoso em fantasia, o que o torna muito mais veiculável.

Tipos de ensaios

De modo geral, os ensaios são textos em prosa, de teor didático, sendo menos formais e flexíveis. Eles são classificados em dois tipos: ensaio literário (ou informal) e ensaio científico (ou formal). Assim, o ensaio literário (ou artístico) pode não apresentar uma fundamentação científica, ou seja, propõe uma reflexão mais subjetiva do autor, exibindo uma linguagem mais informal ou coloquial. Já o ensaio científico é baseado em teorias e apresenta uma linguagem mais culta, destituída de gírias ou expressões conotativas. O ensaio acadêmico ou científico é teórico e muitas vezes filosófico, possuindo uma fundamentação a partir de investigações e recolha de informações sobre um tema. Embora sejam baseados em teorias, eles podem apresentar uma linguagem mais despretensiosa, que por vezes, se aproxima a uma linguagem mais poética e literária. As principais características do gênero textual ensaio são:

- Julgamento pessoal;
- Reflexões subjetivas;
- Exposição e defesa de ideias;
- Originalidade e criatividade;
- Texto crítico e problematizador;
- Temas variados.

Gênero biografia

A biografia é um gênero textual no qual o autor narra a história de vida de uma ou várias pessoas. Suas características são:

- Texto narrado em terceira pessoa;
- Ordem cronológica dos fatos;
- Conjunto de informações sobre a vida de alguém;
- Relato de fatos marcantes da vida de alguém;
- Uso de pronomes pessoais e possessivos;
- Uso de marcadores temporais (na infância, na adolescência, naquela época, etc.);
- Predomínio de verbos no pretérito (perfeito e imperfeito);
Verossimilhança dos fatos narrados.

Gênero ensaístico

É um gênero textual que transita entre o poético e o didático, no qual são expostas críticas, reflexões éticas e/ou filosóficas acerca de um determinado tema, obra. Nele, há, muitas vezes, a defesa de um ponto de vista pessoal obtido a partir de uma análise subjetiva feita pelo autor num fluxo natural de ideias, sendo muito solicitado no meio escolar e acadêmico.

Originalmente, o ensaio se divide em formal ou discursivo e informal ou comum. No formal, os textos são objetivos, metódicos e estruturados, dirigidos mais a assuntos didáticos, críticas oficiais, etc... Já o informal é mais subjetivo e caprichoso em fantasia, o que o torna muito mais veiculável.

Tipos de ensaios

De modo geral, os ensaios são textos em prosa, de teor didático, sendo menos formais e flexíveis. Eles são classificados em dois tipos: ensaio literário (ou informal) e ensaio científico (ou formal). Assim, o ensaio literário (ou artístico) pode não apresentar uma fundamentação científica, ou seja, propõe uma reflexão mais subjetiva do autor, exibindo uma linguagem mais informal ou coloquial. Já o ensaio científico é baseado em teorias e apresenta uma linguagem mais culta, destituída de gírias ou expressões conotativas. O ensaio acadêmico ou científico é teórico e muitas vezes filosófico, possuindo uma fundamentação a partir de investigações e recolha de informações sobre um tema. Embora sejam baseados em teorias, eles podem apresentar uma linguagem mais despretensiosa, que por vezes, se aproxima a uma linguagem mais poética e literária. As principais características do gênero textual ensaio são:

- Julgamento pessoal;
- Reflexões subjetivas;
- Exposição e defesa de ideias;
- Originalidade e criatividade;
- Texto crítico e problematizador;
- Temas variados.

Gênero biografia

A biografia é um gênero textual no qual o autor narra a história de vida de uma ou várias pessoas. Suas características são:

- Texto narrado em terceira pessoa;
- Ordem cronológica dos fatos;
- Conjunto de informações sobre a vida de alguém;
- Relato de fatos marcantes da vida de alguém;
- Uso de pronomes pessoais e possessivos;
- Uso de marcadores temporais (na infância, na adolescência, naquela época, etc.);
- Predomínio de verbos no pretérito (perfeito e imperfeito);
- Verossimilhança dos fatos narrados.

Gênero Poema

A palavra poema deriva do verbo grego poein, que significa “fazer, criar, compor”; trata-se de um gênero textual que se estrutura em versos e estrofes.

É a manifestação mais comum de poesia (forma de expressão estética por meio da língua). Até a Idade Média, os poemas eram cantados acompanhados pelo som da Lira. Algumas características do poema:

- Texto disposto em versos que se agrupam em estrofes;
- Alguns poemas apresentam formas fixas como os sonetos, haikai;
- Rima;
- Métrica;
- Versos livres;
- Subjetividade.

Tirinha

A tira ou tirinha é um gênero textual assim definido por Sérgio Roberto Costa: Segmento ou fragmento de HQs, geralmente com três ou quatro quadrinhos, apresenta um texto sincrético que alia o verbal e o visual no mesmo enunciado e sob a mesma enunciação. Circula em jornais ou revistas, numa só faixa horizontal de mais ou menos 14 cm x 4 cm, em geral, na seção “Quadrinhos” do caderno de diversões, amenidades ou também conhecido como recreativo, onde se podem encontrar Cruzadas, Horóscopo, HQs, etc.

Já o dicionário Houaiss (versão eletrônica) apresenta a seguinte definição para “tira”:

Segmento ou fragmento de história em quadrinhos, ger. com três ou quatro quadros, e apresentado em jornais ou revistas numa só faixa horizontal.

As tirinhas também são muito comuns na última página dos gibis. Entretanto, nesse espaço, aparecem na vertical. São principalmente reconhecidas por seu caráter humorístico e pelo número reduzido de quadrinhos.

Exemplo:



Resenha

- **Resenha-resumo:** é um texto que se limita a resumir o conteúdo de um livro, de um capítulo, de um filme, de uma peça de teatro ou de um espetáculo, sem qualquer crítica ou julgamento de valor. Trata-se de um texto informativo, pois o objetivo principal é informar o leitor.
- **Resenha-crítica:** é um texto que, além de resumir o objeto, faz uma avaliação sobre ele, uma crítica, apontando os aspectos positivos e negativos. Trata-se, portanto, de um texto de informação e de opinião, também denominado de *recensão crítica*.

Quem é o resenhista

A resenha, por ser em geral um resumo crítico, exige que o resenhista seja alguém com conhecimentos na área, uma vez que avalia a obra, julgando-a criticamente.

Objetivo da resenha

O objetivo da resenha é divulgar objetos de consumo cultural - livros, filmes, peças de teatro, etc. Por isso a resenha é um texto de caráter efêmero, pois "envelhece" rapidamente, muito mais que outros textos de natureza opinativa.

Veiculação da resenha

A resenha é, em geral, veiculada por jornais e revistas.

Extensão da resenha

A extensão do texto-resenha depende do espaço que o veículo reserva para esse tipo de texto. Observe-se que, em geral, não se trata de um texto longo, "um resumo" como normalmente feito nos cursos superiores... Para melhor compreender este item, basta ler resenhas veiculadas por boas revistas.

O que deve constar numa resenha

- O título
- A referência bibliográfica da obra
- Alguns dados bibliográficos do autor da obra resenhada
- O resumo, ou síntese do conteúdo
- A avaliação crítica

O título da resenha

O texto-resenha, como todo texto, tem título, e pode ter subtítulo.

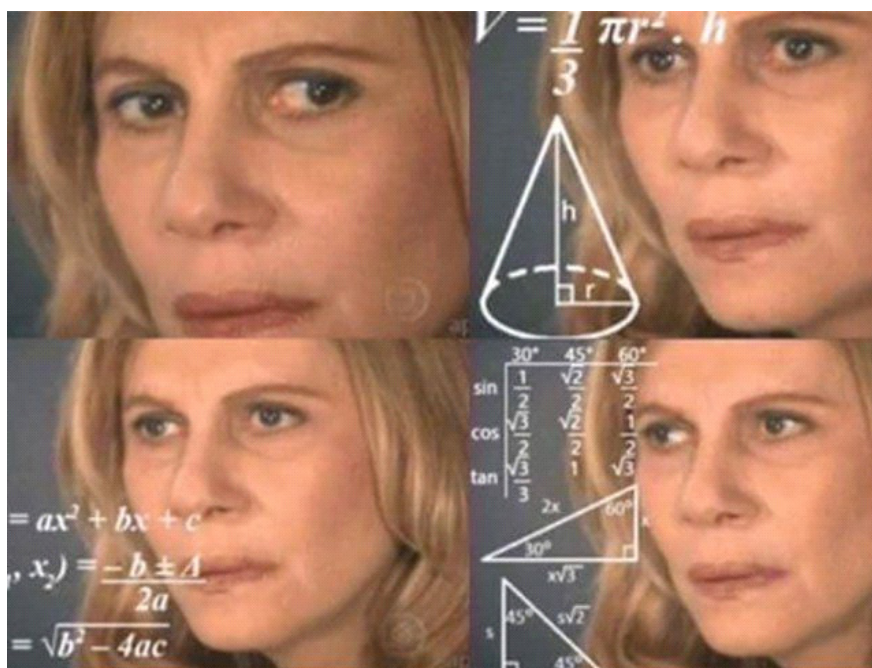
Placas

As placas são gêneros textuais utilizados para sinalizar, instruir e /ou informar alguém sobre algo. Existem as placas de trânsito/de sinalização, os outdoors (que apresentam em maioria propagandas), as informativas que direcionam, por exemplo, o comprador para a seção de peças masculinas e as instrucionais que demonstram algum comando, movimento e/ou ação. Normalmente, a linguagem é direta e curta. Há texto híbrido ou somente imagens/símbolos.



Memes

Os memes são imagens, gifs ou vídeos relacionados ao humor que se espalham de forma viral via internet. No mundo virtual, podemos encontrar os mais diversos: satíricos, críticos, musicais e literários!



Literatura

Arte e literatura

A arte

A palavra arte é derivada do termo latino “ars”, que significa arranjo ou habilidade. Neste sentido, podemos entender a noção de arte como um meio de criação, produção de novas técnicas e perspectivas. Há diferentes visões artísticas, mas todas possuem em comum a intenção de representar simbolicamente a realidade, sendo assim, resultado de valores, experiências e culturas de um povo em um determinado momento ou contexto histórico.



Quadro “Antropofagia”,
de Tarsila do Amaral

A arte pode ser composta pela linguagem não verbal (por meio de imagens, sons, gestos, etc.) ou, ainda, pela linguagem verbal, formada por palavras. Quando ocorre a fusão entre os dois tipos de linguagem, chamamos de linguagem mista ou híbrida. É importante dizer, ainda, que ainda que a arte faça referência a algum período histórico ou político, essa não possui compromisso de retratar fidedignamente a realidade e possui o intuito de instigar, despertar o incômodo, romper com os padrões.

A literatura

Além disso, a literatura também é um tipo de manifestação artística e sua “matéria prima” são as palavras, que podem compor prosas ou versos literários.

A linguagem, em geral, explora bastante o sentido conotativo e o uso das figuras de linguagem contribuem para a construção estética do texto. Os movimentos literários, que estudaremos em breve, estão vinculados a um contexto histórico e possuem características que representam os anseios e costumes de um determinado tempo.

Os textos literários têm maior expressividade, há uma seleção vocabular que visa transmitir subjetividade, uma preocupação com a função estética, a fim de provocar e desestabilizar o leitor, as palavras possuem uma extensão de significados e faz-se preciso um olhar mais atento à leitura, que não prioriza

mas sim, o caráter poético. Veja, abaixo, exemplos de textos literários:

Anúncios classificados

Vendedoras. Ótima aparência, excelente salário. Rua tal, no tal. Recusada.
Boutique cidade precisa moça boa aparência entre 25 e 30 anos. Marcar entrevista tel. no tal. Recusada.

Moças bonitas e educadas para trabalhar como recepcionistas. Garantimos ganhos acima de um milhão. Procurar D. Fulana das 12,00 às 20,00 horas, na rua tal, no tal. Recusada.

Senhor solitário com pequeno defeito físico procura moça de 30 anos para lhe fazer companhia. Não precisa ser bonita. Endereço tal.

Desta vez ela não disfarçou a corcunda nem pôs óculos escuros para esconder o estrabismo. Contratada.

(CUNHA, Helena Parente. Cem mentiras de verdade, 1985)

Morte do Leiteiro

Há pouco leite no país,
é preciso entregá-lo cedo.
Há muita sede no país,
é preciso entregá-lo cedo.
Há no país uma lenda,
que ladrão se mata com tiro.

Então o moço que é leiteiro
de madrugada com sua lata
sai correndo e distribuindo
leite bom para gente ruim.
Sua lata, suas garrafas
e seus sapatos de borracha
vão dizendo aos homens no sono
que alguém acordou cedinho
e veio do último subúrbio
trazer o leite mais frio
e mais alvo da melhor vaca
para todos criarem força
na luta brava da cidade.

Na mão a garrafa branca
não tem tempo de dizer
as coisas que lhe atribuo
nem o moço leiteiro ignaro,
morador na Rua Namur,
empregado no entreposto,
com 21 anos de idade,
sabe lá o que seja impulso
de humana compreensão.

E já que tem pressa, o corpo
vai deixando à beira das casas
uma apenas mercadoria.

E como a porta dos fundos
também escondesse gente
que aspira ao pouco de leite
disponível em nosso tempo,
avancemos por esse beco,
peguemos o corredor,
depositemos o litro...
Sem fazer barulho, é claro,
que barulho nada resolve.

Meu leiteiro tão sutil
de passo maneiro e leve,
antes desliza que marcha.
É certo que algum rumor
sempre se faz: passo errado,
vaso de flor no caminho,
cão latindo por princípio,
ou um gato quizilento.
E há sempre um senhor que
acorda,
resmungando e torna a dormir.

Mas este acordou em pânico
(ladrões infestam o bairro),
não quis saber de mais nada.
O revólver da gaveta
saltou para sua mão.
Ladrão? se pega com tiro.

Os tiros na madrugada
liquidaram meu leiteiro.
Se era noivo, se era virgem,
se era alegre, se era bom,
não sei,
é tarde para saber.

Mas o homem perdeu o sono
de todo, e fuge pra rua.
Meu Deus, matei um inocente.
Bala que mata gatuno
também serve pra furto
a vida de nosso irmão.
Quem quiser que chame médico,
polícia não bota a mão
neste filho de meu pai.
Está salva a propriedade.
A noite geral prossegue,
a manhã custa a chegar,
mas o leiteiro
estatelado, ao relento,
perdeu a pressa que tinha.

Da garrafa estilhaçada,
no ladrilho já sereno
escorre uma coisa espessa
que é leite, sangue... não sei.
Por entre objetos confusos,
mal redimidos da noite,
duas cores se procuram,
suavemente se tocam,
amorosamente se enlaçam,
formando um terceiro tom
a que chamamos aurora.

Carlos Drummond de Andrade

Poema Brasileiro

No Piauí de cada 100 crianças que nascem
78 morrem antes de completar 8 anos de idade

No Piauí
de cada 100 crianças que nascem
78 morrem antes de completar 8 anos de idade

No Piauí
de cada 100 crianças
que nascem
78 morrem
antes
de completar
8 anos de idade

Antes de completar 8 anos de idade
antes de completar 8 anos de idade
antes de completar 8 anos de idade
antes de completar 8 anos de idade

Ferreira Gullar, 1962.

Diferenças entre o texto literário e o não-literário

Diferente do poema da autora Cecília Meireles, em que há uma transmissão de sensibilidade nos versos, os textos não literários são aqueles que possuem o caráter informativo, que visam notificar, esclarecer e utilizam uma linguagem mais clara e objetiva. Jornais, artigos, propagandas publicitárias e receitas culinárias são ótimos exemplos de textos não literários, pois esses têm o foco em comunicar, informar, instruir, etc.

Redação

Estratégias argumentativas

A dissertação está sempre atrelada à argumentação. Em primeiro lugar, dissertar significa expor ou explicar ideias, já a argumentação tem como objetivo convencer ou pelo menos tentar influenciar o leitor do texto. Logo, em uma dissertação-argumentativa devemos expressar o que sabemos sobre determinado assunto, apresentando razões e evidências para o convencimento do leitor. Nessa parte, então, a preocupação do autor deve ser a de fundamentar as ideias desenvolvidas no texto de maneira clara e convivente e, portanto, utilizando as estratégias argumentativas, as quais são fundamentais na comprovação de uma opinião. Veja algumas delas:

Enumeração ou descrição de detalhes

O desenvolvimento por enumeração ou descrição de detalhes é o mais comum. Nele, pode-se criar a enumeração, ou seja, uma sequência do que será apresentado, além de uma descrição dessas informações.

Tema: Caminhos para combater a intolerância religiosa no Brasil.

Além da intolerância inata ao homem, há fatores externos que intensificam o problema. No cenário brasileiro, o processo colonizador e seus legados, que perduram até hoje, são os principais agravantes desse preconceito. Desde a chegada dos europeus no país, as religiões diferentes da oficial são discriminadas. Logo no início da colonização, o processo de catequização dos nativos foi incentivado, o que demonstra o desrespeito com as religiões indígenas, e, décadas depois, com o início do tráfico negreiro, houve também perseguição às religiões afro brasileiras e a construção de uma imagem negativa acerca delas. Toda essa mentalidade perpetuou-se no ideário coletivo brasileiro e, apesar dos avanços legais, faz com que essas religiões sejam as mais afetadas pela intolerância atualmente.

Confronto

Esse tipo de desenvolvimento consiste em estabelecer confronto entre ideias, seres, coisas, fatos ou fenômenos por meio do contraste (baseado nas diferenças) ou paralelo (baseado nas semelhanças).

Tema: Efeitos da implantação da Lei Seca no Brasil.

Em primeiro lugar, cabe destacar que em função da implantação da Lei Seca, segundo pesquisas da UFRJ, os números de acidentes fatais no trânsito relacionados ao alcoolismo caíram drasticamente desde o começo de 2013. Devido a essa evidência, a tese de Thomas Hobbes de que “a intervenção estatal é necessária, como forma de proteger os cidadãos de maneira eficaz” é corroborada. Nesse caso, por meio da Lei Seca, através do exame do bafômetro e da aplicação de multas a motoristas alcoolizados, a intervenção protegeu

a população de maneira vital: salvou milhares de vidas.

Analogia e comparação

A analogia é uma semelhança parcial que sugere uma aproximação oculta, mais completa. Já na comparação, as semelhanças são reais e expressas em uma forma verbal própria por meio de conectivos comparativos.

Tema: Publicidade infantil em questão no Brasil.

Muitos pais têm então se queixado do comportamento consumista de seus filhos, apelando para organizações de defesa dos direitos da criança e do adolescente. Em abril de 2014, foi aprovada uma resolução que julga abusiva essa publicidade infantil, gerando conflitos entre as empresas, organizações publicitárias e os defensores dos direitos deste público-alvo. Entretanto, tal resolução configura um importante passo dado pelo Brasil com relação ao marketing infantil. Alguns países cujo índice de escolaridade é maior que o brasileiro já possuem legislação que limita os conteúdos e horários de exibição dos comerciais destinados às crianças. Outros, como a Noruega, proíbem completamente qualquer publicidade infantil.

Tema: A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira.

A crença na subalternidade feminina é construída socialmente. A filósofa Simone de Beauvoir corrobora isso ao afirmar que “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”. Os dizeres da autora revelam como a associação da figura feminina a determinados papéis não é condicionada por características biológicas, mas por pré-determinações sociais. Seguindo essa linha de pensamento, é usual, por exemplo, que mulheres que exerçam profissões tradicionalmente associadas a homens, como a de motorista, sofram preconceito no ambiente de trabalho e sejam violentadas psicologicamente.

Citação de exemplos

A citação de exemplos constitui uma forma de elucidar o que está sendo abordado no parágrafo.

Tema: Efeitos da implantação da Lei Seca no Brasil.

As estatísticas explicitam a queda brusca na ocorrência de óbitos decorrentes de acidentes de trânsito depois da entrada da Lei Seca em vigor. A proibição absoluta do consumo de álcool antes de se dirigir e a existência de diversos pontos de fiscalização espalhados pelo país tornaram menores as tentativas de burlar o sistema. Dessa forma, em vez de fugirem dos bafômetros e dos policiais, os motoristas deixam de beber e, com isso, mantêm-se aptos a dirigir sem que transgridam a lei.

Razões e consequências

O desenvolvimento do parágrafo por apresentação de razões e consequências acontece quando se busca justificar uma declaração ou opinião pessoal a respeito de atos ou atitudes do homem.

Tema: Efeitos da implantação da Lei Seca no Brasil.

Ademais, uma questão muito subjetiva é tratada e trabalhada pela nova legislação: a empatia. É muito presente, ao longo da história das civilizações, a ocorrência de casos nos quais alguns decretos e leis contribuíram na construção de uma sociedade mais ética e virtuosa. Em decorrência disso, a implantação e a propaganda da Lei Seca, ao estimularem o motorista a não beber antes de dirigir, podem também levá-lo a pesar as consequências de seus atos: desrespeitar a lei, nessa situação, pode custar a vida de outrem. Assim, acidentes advindos do alcoolismo no trânsito poderão ser evitados, não só pelo medo da punição, mas também pela via da consciência ética.

Causa e efeito

O desenvolvimento por meio da relação de causa e efeito ocorre quando se procura explicar fatos ou fenômenos.

Tema: Publicidade em questão no Brasil.

A necessidade de criação de uma lei só existe quando um conceito de ética que já deveria ser parte do senso comum é ausente. Dessa forma, nota-se que a criação de leis que proíbem ou normatizam a publicidade infantil nos países considerados desenvolvidos revela que esse setor da mídia não age de maneira ética. Isso se deve ao fato de que, com o advento do Neoliberalismo, houve a necessidade de difusão do consumismo, e a publicidade, como a principal forma de imposição desse ideal, passou a explorar a ingenuidade do imaginário infantil para adaptar as crianças a esse formato, incentivando sempre o desejo.

Explicação de ideias em cadeia

Após a apresentação do tópico frasal, o autor divide a ampliação do seu parágrafo em duas ou mais partes discutindo em seguida cada uma delas. Isso pode acontecer tanto em um mesmo parágrafo quanto em parágrafos diferentes.

Tema: A intolerância religiosa em discussão no Brasil.

Diante do caos instaurado pela intolerância religiosa, foi preciso criar meios para combater e criminalizar essas ações de desrespeito. Fez-se necessária a criação de uma lei que busca proteger cultos religiosos de matriz africana, os quais são mais discriminados no Brasil. Além disso, estipulou-se o dia 21 de janeiro como o “Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa”, como forma de conscientização da população, pois todas as pessoas e suas respectivas religiões merecem proteção e respeito. Segundo o poeta francês Victor Hugo, “a tolerância é a melhor das

religiões”, e, por isso, em um país tão cheio de diversidades, não cabe julgar, discriminar ou hostilizar a fé alheia.

Note que os parágrafos apresentam tópico frasal, ou seja, a síntese da ideia a ser desenvolvida na ampliação e logo após as estratégias argumentativas apresentadas há, também, a conclusão do parágrafo. Lembre-se sempre que até mesmo os parágrafos de desenvolvimentos devem ter a organização das ideias em sequência de começo, meio e fim.

8. FILOSOFIA

Revolução científica

René Descartes

René Descartes é um pensador de um período considerado transitório. Suas ideias ajudaram a formular a Revolução Científica que se estende da Renascença ao Iluminismo. Além dos métodos propostos pelo pensador, uma grande contribuição é a matematização da filosofia. Descartes defendia que todo o pensamento deveria seguir a lógica matemática. Não que pensasse o mundo através dos números, mas que o funcionamento do pensamento matemático deveria ser admitido pela filosofia por completo, onde uma verdade levasse consequentemente à outra pela lógica dedutiva.

Dúvida metódica

Apesar de criticar o ceticismo, Descartes reconhece a importância da dúvida na produção do conhecimento filosófico. Afinal, conhecimento sem reflexão é opinião, não há o que justifique esse conhecimento como verdadeiro. Por isso, Descartes faz uso da dúvida como instrumento, transformando a proposta do ceticismo numa etapa na construção do conhecimento e não na conclusão final sobre ele. A dúvida de Descartes pode ser chamada de metódica porque é ordenada, lógica, tem um desenvolvimento controlado com um determinado fim. E é radical porque atinge todo o conhecimento que temos. Por isso, a dúvida também pode ser chamada de hiperbólica (exagerada). Para não deixar nada de fora, Descartes duvidou da própria existência. Vamos então as etapas dessa dúvida metódica.

- **1ª dúvida (argumento dos sentidos):** Já fui mais de uma vez enganado por minha sensibilidade. Ora, se os sentidos já me enganaram uma vez, que garantia tenho eu de que não me enganarão novamente? **O que sobrevive:** as impressões sensíveis mais fortes (de minha própria existência, por exemplo).
- **2ª dúvida (argumento do sonho):** Já tive a experiência, inúmeras vezes, de sonhos intensos, que me pareciam profundamente reais. Ora, se já estive dormindo e cria estar dormindo, o que me garante que não estou dormindo agora? **O que resiste:** os elementos básicos da percepção sensível (cor, tamanho, textura, tempo, etc.) e as verdades matemáticas.

3ª dúvida (argumento do gênio maligno): Ora, e se houver uma ser todo-poderoso que me engana a cada vez em que eu julgo possuir um conhecimento verdadeiro? É possível concebê-lo, portanto é razoável duvidar. **O que resta:** aparentemente nada.

Conclusões a partir da dúvida – Cogito ergo sum

Apesar de criticar o ceticismo, Descartes reconhece a importância da dúvida na produção do conhecimento filosófico. Afinal, conhecimento sem reflexão é opinião, não há o que justifique esse conhecimento como verdadeiro. Por isso, Descartes faz uso da dúvida como instrumento, transformando a proposta do ceticismo numa etapa na construção do conhecimento e não na conclusão final sobre ele. A dúvida de Descartes pode ser chamada de metódica porque é ordenada, lógica, tem um desenvolvimento controlado com um determinado fim. E é radical porque atinge todo o conhecimento que temos. Por isso, a dúvida também pode ser chamada de hiperbólica (exagerada). Para não deixar nada de fora, Descartes duvidou da própria existência. Vamos então as etapas dessa dúvida metódica.

Mas, pensando bem, encontramos uma certeza em meio a tanta dúvida. Se estou duvidando, estou pensando. Ora, se para duvidar é preciso pensar e só posso pensar se existir, duvidar da minha existência confirma exatamente o contrário, eu existo! (argumento do “cogito” -> “Penso, logo existo = “Cogito, ergo sum”). Há agora um ponto fixo indubitável. Com base na certeza da sua existência, Descartes passa a deduzir uma série de outras certezas (matematização). As mais importantes verdades que Descartes acreditou provar a partir daí foram:

- Se é através da minha capacidade de pensar que posso garantir a minha própria existência, é esta capacidade de me pensar que define: minha essência é a racionalidade, é a capacidade de pensar.
- Dentre todas as ideias que possuo, ainda sem saber se existe algo além de mim, há uma ideia diferente de todas as outras: é a ideia de Deus. Esta ideia se diferencia por não dizer respeito a um ser finito, como as outras, mas sim a um ser infinito. Ora, de onde pode me ter vindo esta ideia? Ela não pode ter vindo de mim, pois eu sou um ser finito, enquanto esta ideia é infinita. Como o menor não pode dar origem ao maior, então o finito não pode gerar o infinito. Assim, essa ideia não pode ter sido gerada por mim. Há, portanto, um Ser infinito que pôs esta ideia em mim. A este ser chama-se Deus. Sendo infinito, Deus possui necessariamente todas as perfeições, tanto de poder, quanto morais.
- Prosseguindo, se há um Deus perfeitamente poderoso e bom, então o mundo à nossa volta também existe de fato, pois um Deus assim não permitiria que eu me enganasse tão radicalmente a respeito da realidade. É compatível com a bondade infinita de um ser todo-poderoso permitir que eu me engane às vezes, mas não que eu me engane sempre. Graças a Deus, portanto, pode-se dizer com certeza que o mundo exterior à minha mente é real.

- Por fim, se foi a descoberta do cogito, isto é, se foi a descoberta de minha capacidade racional que legitimou todo o meu saber obtido de modo seguro, e, ao contrário, tudo o que eu percebia pelos sentidos era desconfiável, então não há dúvida de que a razão é o fundamento último do conhecimento humano e que só ela nos dá segurança na busca da verdade. Os sentidos, ao contrário, só têm valor sob o comando da razão. Dessas conclusões Descartes estabelece então que:
 - No mundo há apenas duas substâncias, res cogitans e res extensa.
 - A res cogitans é a esfera da consciência, da razão e da ideia.
 - A res extensa é o mundo material, conhecível, mas não confiável.
 - O ser humano é composto pelas duas, sendo sua parte essencial a res cogitans
 - Deus é uma substância especial, ou separada da existência mundana. Descartes a chama de res infinita, definida pelas características que já foram apresentadas.

Racionalismo cartesiano

O racionalismo é uma corrente filosófica da **Teoria do Conhecimento**, área da Filosofia que se dedica a discutir as origens e possibilidades do conhecimento. Nessa corrente a origem do conhecimento está na **razão**. Os sentidos não são confiáveis para produzir um conhecimento verdadeiro. O que embasaria, no final das contas, a verdade seria o processo lógico da mente. Essa percepção de Descartes o leva a crer que há **ideias inatas** perfeitamente racionais, isentas da influência das percepções sensoriais, tais quais as ideias matemáticas e noções categóricas como movimento e extensão. Esse processo lógico também tinha um método, conhecido por nós como método cartesiano. Nele há quatro regras básicas que levariam até a verdade, são elas:

- **Regra da evidência:** Só pode receber o valor de verdade aquilo que seja evidente. Aqui evidente não é o que é óbvio ou o que está exposto à nós pelos sentidos, já que estes não são confiáveis. Evidente é aquilo que é claro e distinto.
- **Regra da análise:** A compreensão deve ser metodologicamente facilitada. Analisar algo em toda a sua complexidade pode impedir ou atrapalhar a resolução de um problema. Por isso, Descartes defende dividir as dificuldades em partes menores para ajudar na solução.
- **Regra da síntese:** Depois de dividir, reordenar o raciocínio para a solução, do mais simples para o mais complexo.
- **Regra da enumeração:** Verificar o que se está abordando e as conclusões obtidas para que nada fique de fora.

John Locke e a mente como uma tábula rasa

John Locke (1632-1704) foi um filósofo inglês. Ele desenvolveu suas teorias sobre a origem e o alcance do conhecimento em sua obra “Ensaio sobre o entendimento humano”.

Para ele, não existem ideias inatas (ideias que já nasceriam com o homem, como por exemplo a ideia de Deus), o homem nasce como uma tábula rasa, desprovido de qualquer conhecimento, sem nenhuma ideia pré-formada em sua alma. Nada existe na mente humana que não tenha passado pelos sentidos. A esse ponto é redundante dizer que Locke foi um crítico potente do racionalismo e sua proposta baseada na razão. Para Locke o conhecimento é adquirido ao longo da vida através da experiência sensível imediata e seu processamento interno. Nós interagimos com os objetos e com os fenômenos e produzimos ideias a partir dessa interação. Locke vai defender que nossas ideias serão criadas empiricamente a partir da sensação e da reflexão.

Num primeiro estágio, nossas ideias são criadas pela sensação, cujo estímulo externo é oriundo de modificações na mente feitas pelos sentidos em uma experiência qualquer. Assim, através da sensação percebemos as qualidades (primárias ou secundárias) das coisas. Tais qualidades podem produzir ideias em nós. As qualidades primárias são sempre objetivas, ou seja, existem realmente nas coisas independentemente do sujeito que as contempla. Como exemplo temos o movimento, o repouso, o número, a configuração, a extensão, entre outros. Já as qualidades secundárias são aquelas que variam de acordo com o sujeito e que são, portanto, subjetivas. Como exemplo temos a cor, o som, o saber, entre outros. Num segundo estágio tudo é processado internamente. É nesse momento que a alma processa os objetos apreendidos pelos sentidos. As ideias nesse estágio resultam da combinação e associação das sensações de reflexão. A mente sintetiza e gera uma série de ideias que não passíveis de surgir a partir da experiência. Processos como, nas palavras de Locke, a percepção, o pensamento, o duvidar, o crer, o raciocinar. A reflexão seria o equivalente aos sentidos na produção de ideias, mas agindo no nosso interior, tendo como matéria-prima o conhecimento que absorvemos das experiências e desempenhando um processo complexo e cada vez mais aprofundado que culmina na reflexão sobre as próprias operações da mente. Por esse pressuposto percebemos que o conhecimento vai de coisas mais simples para as mais complicadas e sempre de fora para dentro.

Francis Bacon e o Método indutivo

O filósofo Francis Bacon (1561-1626) foi um importante intelectual de sua época, tendo também participado da vida política, chegando a ser chanceler no governo do rei Jaime I. Como filósofo, foi grande crítico da ciência dedutiva Aristotélica, alegando que para o desenvolvimento da ciência era necessário ter um método de descoberta e análise mais eficiente, focado numa investigação mais rigorosa, precisa e empírica, com como ocorre no método indutivo.

Para Bacon a ciência era uma técnica e os conhecimentos científicos deveriam servir ao homem no objetivo de dominar a natureza e reinstaurar o que ele chamou de Imperium Hominis (império do homem) sobre as coisas. Inclusive se atribui a Bacon o lema “saber é poder” com vistas a realizar o controle do homem sobre a natureza com o objetivo de expandir a prosperidade humana.

O método indutivo de Bacon critica a análise da natureza baseada no aristotelismo. Suas conclusões acerca do conhecimento dão conta da necessidade de experimentar os fatos, um a um, o máximo possível, para

os interpretar e induzir leis gerais, ou seja, esse método sempre parte do particular para o geral. Para ele, toda filosofia anterior se baseava num método de antecipação dos fatos e não da real interpretação da natureza. O método indutivo de Bacon se divide em quatro etapas:

- Coleta de informações a partir da observação rigorosa e atenta da natureza;
- Reunião e organização sistemática e racional dos dados recolhidos pela experiência e observação
- Formulação de hipóteses (explicações gerais) segundo a análise dos dados recolhidos e que possam levar à compreensão dos fenômenos;
- Testagem para comprovação ou refutação das hipóteses a partir de experimentações.

A teoria dos ídolos

Bacon vai iniciar sua reflexão acerca do conhecimento humano alegando que certos preconceitos, noções erradas, dificultam a apreensão correta que temos sobre a realidade. Esses preconceitos serão chamados por ele de ídolos. A ciência deveria ser objetiva e produzir efeitos reais na vida do ser humano. Para que procedessem corretamente, os cientistas deveriam se afastar dos possíveis enganos do pensamento. O termo ídolo vem de eidolon (que em grego significa imagem, simulacro ou fantasma). Bacon está tentando usar o sentido de “vazio” da palavra ídolo. Assim Bacon atribui à palavra ídolo no contexto de sua teoria o sentido de “erro habitual, preconceito, noção enganosa e equívoco”. Para Bacon há quatro tipos de ídolo:

- Os ídolos da tribo: A palavra “tribo” aqui faz referência à espécie humana, ou seja, os ídolos da tribo são aqueles preconceitos que surgem nas comunidades como verdades dadas e não questionadas. Nesse sentido, os “ídolos da tribo” se diferenciam do espírito científico, na medida em que as hipóteses levantadas pela ciência precisam estar de acordo com os fatos.
- Os ídolos da caverna: Os ídolos da caverna têm sua origem não na comunidade, como os “ídolos da tribo”, mas sim em cada pessoa ou indivíduo. Assim, por conta das características individuais, ou mesmo por causa da educação a que um indivíduo é submetido, serão geradas falsas ideias às quais a ciência precisa se opor.
- Os ídolos do foro: Os ídolos do foro ou do mercado são aqueles que decorrem da linguagem, através da qual são atribuídas palavras a certas coisas que são inexistentes ou mesmo palavras confusas a coisas que existem. Nesse sentido, há diversas controvérsias as quais nos apegamos apenas por questões linguísticas. Como exemplo, temos palavras que se referem a coisas inexistentes como “primeiro motor”.
- Os ídolos do teatro: Os ídolos do teatro se referem às teorias ou reflexões filosóficas que, muitas vezes, estão mescladas com a teologia, com o saber comum e, até mesmo, com superstições profundamente arraigadas.

Nesse sentido, ele compara os sistemas filosóficos a fábulas que poderiam ser representadas no palco.

David Hume: Empirismo e ceticismo

David Hume nasceu na Escócia em 1711. Ele foi o maior expoente do iluminismo escocês e um dos principais filósofos britânicos do empirismo. Além de um empirista radical, Hume também foi reconhecido por seu ceticismo filosófico. Seu ceticismo é crítico aos outros pensadores empiristas que acreditavam na possibilidade de um conhecimento verdadeiro, mas sua crítica se direciona principalmente à Descartes e seu pensamento teológico-metafísico.

A questão da validade do conhecimento

David Hume é um pensador cético, ou seja, ele duvida que possa haver qualquer conhecimento indubitável. Assim, o entendimento humano possui limites bastante estreitos, afinal de contas estamos submetidos aos sentidos e aos hábitos, o que nos leva a produzir conhecimentos que, na melhor das hipóteses, são apenas prováveis, mas nunca certezas. Hume questiona o princípio de causalidade, bem como a metafísica existente na sua época.

Em linhas gerais, ceticismo é justamente a **dúvida ou suspeita sobre todo e qualquer tipo de conhecimento**. O cético, portanto, é aquele que duvida da possibilidade do conhecimento verdadeiro, restando-nos apenas, como dissemos acima, conhecimentos prováveis. O ceticismo humeano nasce na medida em que ele defende que todo conhecimento humano provém das experiências que temos através de nossos sentidos. Não há, seguindo esse ponto de vista, uma razão pura capaz de encontrar uma base sólida para um conhecimento inquestionável ou indubitável. Se, portanto, o conhecimento provém da **experiência** (tese empirista), e a experiência sensível é variável, logo nenhum conhecimento pode ter uma pretensão universal de validade.

A questão da origem do conhecimento

O conhecimento, segundo Hume, deriva sempre de **percepções individuais**, que podem ser impressões ou ideias. A diferença entre impressões e ideias é apenas o grau de vivacidade com o qual afetam nossa mente. De um lado, as impressões são percepções originárias e que, por isso mesmo, são mais vivas, como por exemplo, ver, ouvir, sentir dor, etc. De outro lado, as ideias são percepções mais fracas por serem derivadas, por serem “pálidas cópias” das impressões. Desse esquema conceitual podemos concluir que, segundo David Hume, não há ideias inatas em nossa mente, isto é, ideias que teriam nascido conosco e que seriam, portanto, independentes da experiência. Toda ideia que existe em nossa mente é derivada das nossas **impressões**.

Há, no entanto, ideias complexas, que nascem da associação entre ideias através da nossa imaginação. Assim, se combinamos em nossa mente a ideia de lobo, por exemplo, com a ideia de homem, podemos formar a ideia de “lobisomem”.

Essas associações se sucedem na vida psíquica do ser humano, combinando-se por semelhança, contiguidade ou causalidade.

A associação por semelhança ocorre quando uma impressão se liga à uma ideia anterior já contida na mente, como uma lembrança. Hume exemplifica que uma pintura sobre um lugar ou uma pessoa nos remeteria a pensar sobre o lugar ou pessoa em si. Já a contiguidade no tempo e no espaço é uma associação relacionada à conexão possível entre os objetos que geram as percepções e ideias. Pensar num cômodo de uma casa pode levar a pensar no restante dos cômodos, assim como pensar em um lápis pode levar a pensar em uma borracha. E a associação por causalidade ocorre quando se observa uma relação entre causa e efeito, percebendo as impressões geradas por essa relação ou remetendo às ideias já consolidadas sobre o evento. Hume exemplifica a ferida como exemplo de causalidade, pois pensar numa ferida invariavelmente leva a pensar sobre a dor conseguinte.

O problema da causalidade

A crítica à noção de **causalidade** nasce da confusão que Hume afirma ser comum na observação dos fenômenos. Para que a associação de causalidade (conexão necessária entre dois fenômenos) pudesse ser considerada como válida seria preciso haver uma impressão anterior que lhe desse origem. No entanto, para Hume, não há nenhuma impressão correspondente à noção de causalidade. Isso significa, então, que as relações de causalidade entre fenômenos se referem ao nosso hábito de pensarmos esses fenômenos como ligados um ao outro, mas **não a uma relação real entre objetos externos a nós**. O exemplo mais famoso que Hume utiliza para explicar essa teoria é o seguinte: Por mais que sempre tenhamos associado ao nascer de um novo dia ao nascimento do sol, isso não significa que essa conjunção de fenômenos seja necessária. Nada garante a necessidade do surgimento do sol no dia de amanhã.

Assim, o máximo que podemos alcançar, do ponto de vista do conhecimento, é uma **grande probabilidade** de que um evento ocorrerá ou não ocorrerá, mas nunca podemos extrair uma **certeza**, dado que não existe nenhum conhecimento a priori, isto é, independente de nossa experiência sensível.

Hume afirma que nós temos uma tendência interpretar nossas inferências como leis da natureza (é assim que o método indutivo funciona). Nossos hábitos e crenças nos fazem formular supostas leis e supostas conexões necessárias entre eventos que, em última análise, são apenas sucessões de fatos e sequência de eventos sem nenhum nexo causal. Por termos habitualmente observado esses fenômenos se sucederem acreditamos que eles ocorrerão novamente, o que não é garantido segundo o filósofo escocês. Essa é a crítica ao método indutivo dirigida por Hume, pois, experimentar um fenômeno muitas vezes não transforma em indubitável o que é provável. No final, **somos guiados por nossos hábitos**.

9. SOCIOLOGIA

Cidadania e direitos dos indivíduos

Etimologicamente, o termo “cidadão” significa “morador de uma cidade”. Assim, se fôssemos levar a coisa literalmente, cidadania seria apenas a circunstância de morar em um determinado local e o bom cidadão seria o mesmo que um habitante boa-praça. Há, no entanto, um significado mais profundo em jogo aqui. O conceito de cidadania vem originalmente da língua grega e, como já vimos em outras aulas, as cidades gregas antigas viviam no sistema de pólis. Neste modelo, além de cada cidade gozar de grande autonomia, sendo como que um Estado independente, os cidadãos, isto é, os moradores de cada pólis, tinham notável capacidade de participação política, pois os gregos foram o primeiro povo a entender que a política deriva sua autoridade não dos deuses, mas dos homens. Vemos assim que cidadania não é apenas moradia e que o cidadão não é o simples habitante de um determinado país. Muito mais do que isso, o cidadão é aquele que participa politicamente dos destinos de sua nação, que influi nos rumos do Estado. Os escravos brasileiros na época do Império, por exemplo, eram habitantes do Brasil, mas não cidadãos, pois não tinham direito de participar politicamente, votando, protestando, etc. O mesmo vale para as mulheres brasileiras antes da legalização do voto feminino e para os analfabetos antes da Constituição Cidadã de 1988. Mesmo hoje, nenhum brasileiro que não possua título de eleitor pode ser considerado, formalmente, um cidadão de nosso país, uma vez que não pode participar dos processos decisórios da política nacional nem influenciar nos rumos das políticas públicas. Este sim é um simples habitante ou morador do Brasil.

Cidadania clássica X Cidadania moderna

Obviamente, do fato de que o conceito de cidadania guarde hoje as mesmas raízes que tinha na antiguidade grega, disto não se pode deduzir que ela sempre foi exercida do mesmo modo ao longo do tempo. Ao contrário, cada sociedade humana desenvolveu ao longo do tempo formas muito concretas e específicas de exercícios da cidadania, isto é, de participação política dos seus membros. Tradicionalmente, para fins didáticos e de resumo, costuma-se dizer que há duas grandes concepções de cidadania ao longo da história: a concepção clássica de cidadania, dominante desde a antiguidade grega até as revoluções liberais dos séculos XVI e XVII, e a concepção moderna de cidadania, vigente desde então.

A concepção clássica de cidadania caracteriza-se por ser essencialmente comunitária. Assim, para o homem grego e medieval, ser um cidadão significava, acima de tudo, pertencer a uma comunidade e ter obrigações para com ela. A ênfase aqui está na noção de dever, de modo que o bom cidadão é fundamentalmente o sujeito abnegado, capaz de sacrificar seus próprios desejos e interesses individuais pelo bem comum. Por sua vez, nesta visão, o papel do Estado, como poder público, consiste precisamente em coordenar as ações dos indivíduos na concretização do interesse geral, premiando aqueles que cumprem seus deveres e punindo os que não o fazem. É o indivíduo que deve estar a serviço da comunidade e do Estado, não o contrário.

A concepção moderna de cidadania, instaurada pelo liberalismo político e típica de nosso tempo, é bastante diferente. Nela, a ênfase não está na noção de dever, mas na de direito. Entende-se que não é o indivíduo que deve estar a serviço da comunidade e do Estado, mas, ao contrário, é a comunidade e o Estado que devem estar a serviço do indivíduo.

Com efeito, na visão moderna, compreende-se que nenhum interesse coletivo tem o interesse de sobrepor-se à liberdade dos indivíduos. O papel do Estado não é tanto garantir a felicidade geral, mas sim impedir que os direitos individuais sejam desrespeitados e que uns se imponham violentamente sobre os outros. Em suma, o que cabe ao poder público não é promover a cooperação entre os indivíduos, mas sim impedir seu conflito e o bom cidadão é aquele que, consciente dos seus próprios direitos, exerce-os livremente, sem, porém, tolher a liberdade do outro.

Benjamin Constant, o famoso autor liberal do começo XIX, sintetizou esta diferença em seu famoso texto *A liberdade dos antigos comparada à liberdade dos modernos*: O objetivo dos antigos era a partilha do poder social entre todos os cidadãos de uma mesma pátria. Era isso o que eles denominavam liberdade. O objetivo dos modernos é a segurança dos privilégios privados; e eles chamam liberdade as garantias concedidas pelas instituições a esses privilégios”.

Cidadania substancial x cidadania formal

Mas Como o Estado reconhece ou não um cidadão? Como ocorre a garantia disso da cidadania? Bom, primeiro precisamos lembrar o que é Estado. O Estado é uma instituição que reclama para si o poder político de uma dada sociedade, circunscrita num determinado território. Nele, todos os indivíduos devem seguir suas determinações (leis) e entidades externas devem respeitar sua soberania. O Estado, comumente, reconhece como cidadão o indivíduo que nasce no seu território. Também há a possibilidade de reconhecer como cidadão o indivíduo que é descendente de cidadãos desse lugar. Há outras formas, mas essas são as mais comuns. Essa é a cidadania formal. Mas isso não significa que está tudo bem. Reconhecer a cidadania é o primeiro passo. O Estado deve, efetivamente, ofertar condições de exercício dessa cidadania. Ou seja, prover aos seus cidadãos condições para alcançar todos os direitos que citamos acima, dentre outros mais. Essa é a cidadania substantiva. Quando o Estado não consegue garantir a cidadania, a condição é chamada de subcidadania.

Direitos e cidadania

A ênfase moderna na cidadania como posse de direitos e no papel do Estado como garantidor desses direitos deu origem e força à ideia de direitos humanos, isto é, de que existem determinados direitos, determinadas prerrogativas básicas, que todo ser humano tem simplesmente por ser humano, apenas por sua natureza e não por uma condição específica do sujeito. Tais direitos seriam, assim, universais, além de inalienáveis. Valeriam para negros, brancos, indígenas e mestiços, gordos e magros, altos e baixos, homens e mulheres, ocidentais e orientais, europeus, africanos, americanos e asiáticos, cristãos e muçulmanos, ateus e agnósticos, umbandistas e hindus, bandidos e homens honestos. Todos, sem exceção, cabendo ao Estado, como sua tarefa máxima, promover e defender esses direitos.

Formulada originalmente por John Locke ainda no século XVII e encampada por toda a tradição liberal desde cedo, a ideia de direitos humanos foi sendo conduzida ao status de padrão da ordem política por meio de sucessivos processos revolucionários em todo o mundo. São testemunhas disso a Bill of Rights, documento da Revolução Gloriosa, a Declaração de Independência dos Estados Unidos, fruto da Revolução Americana e a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, forjada na Revolução Francesa. Finalmente, com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, promulgada pela ONU em 1945, após o trauma do nazismo, os direitos humanos tornaram-se parâmetro oficial de funcionamento para todos os países do mundo: ainda que muitas vezes não cumpridos na prática, são ao menos admitidos em teoria.

Naturalmente, em todo este longo processo, o conceito de direitos humanos não ficou imune a mudanças e a lista de direitos reconhecidos como básicos e essenciais aumentou bastante desde Locke. Sistematizando um tanto as coisas, tal como fez o sociólogo britânico Marshall, poderíamos dizer, inclusive, que há três tipos ou gerações de direitos humanos: os direitos civis, os direitos políticos e os direitos sociais.

1ª Geração

Também conhecidos como direitos de primeira geração, os direitos civis tornaram-se vigentes no mundo a partir do século XVIII. Seu principal propósito é garantir a liberdade. Em outras palavras, os direitos civis são aqueles que têm como principal objetivo proteger a autonomia do indivíduo, garantindo-lhe o seu domínio sobre si mesmo, sobre suas escolhas e sobre seus bens, defendendo-o das agressões por parte de outros. Exemplos de direitos civis são o direito à vida, o direito à livre expressão, a liberdade religiosa, o direito de ir e vir e o direito de propriedade privada.

2ª Geração

Chamados igualmente de direitos de segunda geração, os direitos políticos foram implementados de modo sistemático a partir do século XIX e seu principal objetivo é a valorização da igualdade. Dito de outro modo, os direitos políticos têm por propósito garantir que, por mais socialmente desiguais que os homens sejam, politicamente todos tenham as mesmas possibilidades de interferir

nos rumos do Estado e decidir os rumos do país. Seu objetivo é promover a participação política de todos. Exemplos de direitos políticos são o direito ao voto, o direito de ocupar cargos públicos, o direito de formação de partidos políticos, etc.

3ª Geração

Por fim, há os direitos sociais, também conhecidos como direitos de terceira geração. Vigentes formalmente na maior parte do mundo apenas a partir do século XX, tais direitos têm por propósito garantir a fraternidade. Assim, o objetivo dos direitos sociais é garantir que todos os cidadãos tenham acesso a um mínimo de qualidade de vida e bem-estar material. O direito ao trabalho, o direito à educação, o direito à saúde, o direito ao transporte, o direito à moradia, o direito à alimentação e o direito à cultura são exemplos desta categoria de direitos. Há, é verdade, intelectuais hoje que falam ainda de uma quarta, quinta e até sexta geração de direitos. Como, porém, essas novas gerações de direitos não são ainda amplamente consensuais nos meios acadêmicos e nem cobradas nos concursos vestibulares, pararemos por aqui.